



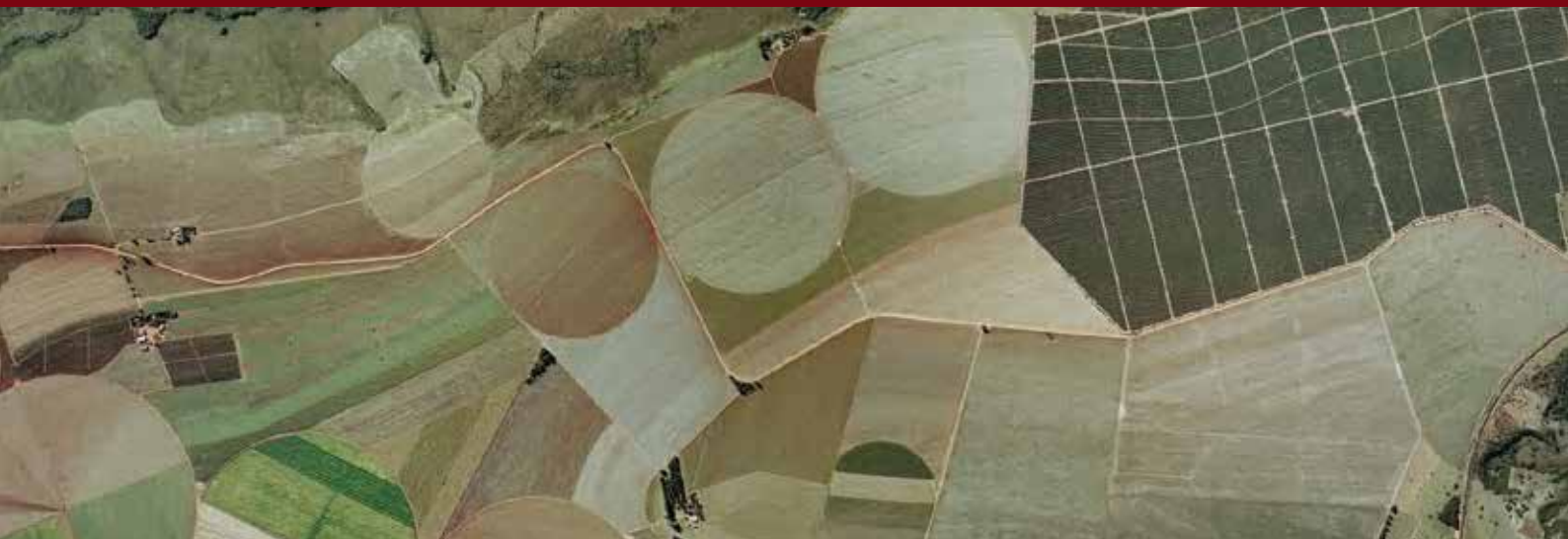
OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

café

V. 5 - SAFRA 2018 - N.1 - Primeiro levantamento | **JANEIRO 2018**



Monitoramento agrícola

Presidente da República

Michel Temer

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA)

Blaíro Maggi

Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Francisco Marcelo Rodrigues Bezerra

Diretoria de Operações e Abastecimento (Dirab)

Jorge Luiz Andrade da Silva

Diretoria de Gestão de Pessoas (Dígep)

Marcus Luis Hartmann

Diretoria Administrativa, Financeira e Fiscalização (Diafi)

Danilo Borges dos Santos

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dípai)

Cleide Edvirges Santos laia

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Aroldo Antônio de Oliveira Neto

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper

Eledon Pereira de Oliveira

Fabiano Borges de Vasconcellos

Francisco Olavo Batista de Sousa

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe Técnica da Geote

Aquila Felipe medeiros (menor aprendiz)

Bárbara Mayanne Silva (estagiária)

Fernando Arthur Santos Lima

Gilson Panagiotis Heusi (estagiário)

Joaquim Gasparino Neto

Jade Oliveira ramos (estagiária)

Kelvin Andres Reis (estagiário)

Lucas Barbosa Fernandes

Superintendências Regionais

Amazonas, Bahia, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Rondônia e São Paulo



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA

**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

café

V.5 - SAFRA 2017 - N.1 - Primeiro levantamento | **JANEIRO 2018**

Monitoramento agrícola

ISSN 2318-7913

Acomp. safra brasileira de café, v. 5– Safra 2018, n.1- Primeiro levantamento, Brasília, p. 1-73, jan. 2018

Copyright © 2017 – Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-7913

Colaboradores

João Marcelo Brito Alves de Faria (Geint)

Colaboradores das Superintendências

AM – Antônio Batista da Silva, Glenda Patrícia de Oliveira Queiroz, José Humberto Campos de Oliveira, Pedro Jorge Benício Barros e Thiago Augusto Magalhães Maia

BA – Marcelo Ribeiro, Ednabel Lima, Aurendir de Melo, Gerson dos Santos, Jair Lucas Junior, Israel Santos, Joctã do Couto e Suely de Lima.

ES – Maicow Paulo de Almeida e Ismael Cavalcante Maciel Júnior.

GO – Espedito Leite Ferreira, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Roberto Alves de Andrade, Rogério César Barbosa, Ronaldo Elias Campos, Marcos Aurélio Grano e Sírío José da Silva Júnior.

MG – Alessandro Lúcio Marques, Eliana Aparecida Silva, Luiz Paulo Junqueira, Hélio Maurício Gonçalves de Rezende, José Henrique Rocha Viana de Oliveira, Márcio Carlos Magno, Pedro Pinheiro Soares, Sérgio de Lima Starling e Warlen César Henriques Maldonado.

MT – Allan Vinicius Pinheiro Salgado, Jacir Lopes da Silveira e Pedro Ramon Manhone.

PR – Rosimeire Lauretto, Daniela Furtado de Freitas Yanaga, José Segundo Bosqui e Rafael Rodrigues Fogaça.

RJ – Olavo Franco de Godoy Neto e Jorge Antonio de F Carvalho.

RO – João Adolfo Kásper, Niécio Campanati Ribeiro e Thales Augusto Duarte Daniel.

SP – Cláudio Lobo de Ávila, Elias Tadeu de Oliveira e Marisete Belloli Breviglieri.

Instituições Parceiras

AM – Instituto de Conservação e Desenvolvimento Sustentável do Amazonas (Idesam), Instituto de Desenvolvimento Agropecuário do Estado do Amazonas (Idam);

BA – Superintendência Baiana de Assistência Técnica e Extensão Rural (Bahiater);

ES – Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper);

MG – Empresa Estadual de Assistência Técnica e Extensão (Emater);

MT – Empresa Matogrossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer);

PR – Departamento de Economia Rural (Deral);

RJ – Empresa Estadual de Assistência Técnica e Extensão (Emater);

RO – Empresa Estadual de Assistência Técnica e Extensão (Emater);

SP – Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati) - IEA (Instituto de Economia Agrícola).

Editoração

Estúdio Nous (Célia Matsunaga e Elzimar Moreira)

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)

Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Guilherme dos Reis Rodrigues

Fotos

Arquivo Geosafra/Conab, <https://br.dollarphotoclub.com>

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.73(81)(05)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompamento da safra brasileira : café – v. 1, n. 1 (2014-) – Brasília : Conab, 2014-

v.

Quadrimestral

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de jan./2014. Continuação de: Acompamento da safra brasileira de café (2008-2012).

ISSN 2318-7913

1. Café. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

SUMÁRIO



1. Resumo executivo ----- 8



2. Introdução-----10



3. Estimativa de área cultivada ----- 12



4. Estimativa de produtividade----- 18



5. Estimativa de produção ----- 21



6. Crédito rural ----- 28



7. Prognóstico climático - Inmet -----32



8. Monitoramento agrícola----- 38



9. Avaliação por estado -----43

9.1. Minas Gerais ----- 43

9.2. Espírito Santo -----46

9.3. São Paulo-----48

9.4. Bahia-----49

9.5. Rondônia----- 53

9.6. Paraná----- 55

9.7. Rio de Janeiro----- 56

9.8. Goiás----- 57

9.9. Mato Grosso ----- 57

9.10. Amazonas -----58



10. Receita bruta ----- 59



11. Parque cafeeiro ----- 64



12. Calendário de colheita ----- 67





1. RESUMO EXECUTIVO

Em safra de bienalidade positiva, para a produção de café, em sua primeira previsão para 2018, estima-se um volume entre 54,4 e 58,5 milhões de sacas beneficiadas, crescimento entre 21,1 e 30,1%. A área total, em formação e em produção, atinge 2.202,6 mil hectares (286,5 em formação e 1.916,1 mil hectares em produção).

Arábica: produção estimada entre 41,74 e 44,55 milhões de sacas, com crescimento médio de 26%.

Conilon: produção estimada entre 12,7 e 13,96 milhões de sacas, crescimento médio de 24,3%.

Tais crescimentos se devem ao ciclo de alta bienalidade, sobretudo em lavouras da espécie arábica, às condições climáticas favoráveis e ao implemento de novas tecnologias.

Minas Gerais (29,09 a 30,63 milhões de sacas)

Sul de Minas (Sul e Centro-Oeste): ganho de área e produtividade refletem numa produção superior à safra anterior, entre 13,7 e 19,7%.

Cerrado Mineiro (Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste): ganho de área e produtividade (bienalidade positiva) refletem numa produção superior à safra anterior entre 60,6 e 69,1%.

Zona da Mata Mineira (Zona da Mata, Rio Doce e Central): apesar da leve redução na área em produção, o resultado deve ser de 6,6 a 12,2% maior do que a safra

anterior. Nova inversão de bienalidade, igualando as demais regimes do Estado.

Norte de Minas (Norte, Jequitinhonha e Mucuri): área maior e produção 22 a 28,4% superior à obtida em 2017, que foi penalizada pelas condições climáticas desfavoráveis.

Espírito Santo (11,58 a 13,33 milhões de sacas)

As boas condições climáticas proporcionaram boas floradas nas duas espécies, arábica e conilon, aliadas ao ano de alta bienalidade no arábica e à excelente recuperação nas lavouras de conilon.

São Paulo (5,85 a 6,15 milhões de sacas)

Ano de ciclo de alta bienalidade e condições climáticas favoráveis ao desenvolvimento das lavouras.

Bahia (4,03 a 4,22 milhões de sacas)

Cerrado: aumento de área em produção, área irrigada, clima mais favorável e perspectivas de boas produtividades.

Planalto: estimativa de recuperação da produtividade nesta safra, devido ao impacto da estiagem na formação de grãos na safra passada.

Atlântico: espera-se produtividade nos mesmos níveis obtidos na safra anterior.

Rondônia (2,27 a 2,4 milhões de sacas)

Crescimento entre 17 e 24%. Aumento de produtividade, devido à renovação do parque cafeeiro, com a implantação de lavouras clonais.

Paraná (0,9 a 1,02 milhão de sacas)

Redução de área e ciclo de baixa produção. Com a forte geada em 2013 houve inversão na bienalidade da cultura, sendo negativa para este ano.

Rio de Janeiro (355,2 a 373,4 mil sacas)

Produtividade semelhante à safra anterior e um leve aumento na área.

Goiás (146,7 a 152,7 mil sacas)

Redução entre 22,9 e 19,7%. Cultura sob regime de irrigação, mas o baixo índice pluviométrico ocasionou falta de padrão de florada.

Mato Grosso (98,6 a 103,7 mil sacas)

Crescimento de 5,1% na área e aumento de produtividade e resultados da implementação tecnológica.

Amazonas (7 mil sacas)

Apesar da manutenção de área, a produção deve ser 6,7% superior à safra passada em virtude de perdas na produtividade





2. INTRODUÇÃO

A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) realiza o acompanhamento da safra brasileira de café desde a safra 2001, sendo que quatro estimativas são divulgadas anualmente. Os levantamentos de informações são realizados com visitas a produtores, cooperativas, e agentes envolvidos na cadeia produtiva da cultura.

O primeiro levantamento ocorre em novembro e dezembro, com divulgação em janeiro, acontecendo no período pós-florada, um dos mais importantes para a cultura. Nessa ocasião, o clima favorável e boas práticas agrícolas garantem a boa uniformidade e qualidade dos grãos. Neste levantamento as informações serão de um ano de bialidade positiva, o que, naturalmente, possui produtividades superiores a safra anterior. Essa é uma característica de culturas permanente, sobretudo no café arábica, que é a maior produção do país.

O segundo levantamento ocorrerá em abril, com divulgação em maio, no período pré-colheita, onde menos de 20% do café do país foram colhidos.

O terceiro levantamento, a ser realizado em agosto e divulgado em setembro, ocorre no período de plena colheita no país, que ocorre de março a outubro, todavia é concentrada entre maio e agosto. Nessa ocasião do levantamento, a colheita já terá ultrapassado 90% do total.

O quarto levantamento será realizado em dezembro e

divulgado no mesmo mês. É o último da safra e compreende o período pós-colheita, em que a colheita já foi finalizada e as estimativas são corrigidas com os dados consolidados e coletados a campo.

Após tratamento estatístico dos dados obtidos em campo são divulgadas as previsões para as safras em curso, sinalizando a tendência da produção de café em cada estado, objetivando permitir a elaboração de planejamentos estratégicos por toda a cadeia produtiva do café, bem como a realização de diversos estudos pelos órgãos de governo envolvidos com a cafeicultura, visando a criação e implantação de políticas públicas para o setor.

Ressalta-se que as previsões iniciais são passíveis de correções e ajustes, ao longo do ano safra, visto que informações mais precisas somente se consolidam com a finalização da colheita. Quaisquer fenômenos climáticos que, porventura tenham ocorrido, são detectados, bem como estimado o provável efeito, porém, as consequências reais serão efetivamente mensuradas à medida que a colheita avança.

A realização desses levantamentos de dados pela Conab, para efetuar a estimativa da safra nacional de café, conta com as parcerias estaduais dos órgãos de governo dos principais estados produtores citados na contracapa deste boletim. Também são consultados técnicos dos escritórios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), para obter estatísticas dos demais estados com menores proporções de produção.

O trabalho conjunto reúne interesses mútuos, aproveitando o conhecimento local dos técnicos dessas instituições que, ao longo dos anos, realizam esta atividade de avaliação da safra cafeeira, com muita dedicação. Na oportunidade a Conab registra os seus agradecimentos aos referidos profissionais, cujo apoio tem sido decisivo para a qualidade e credibilidade das informações divulgadas.

As informações disponibilizadas neste relatório se referem aos trabalhos realizados dos principais estados produtores (Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Bahia, Rondônia, Paraná, Rio de Janeiro, Goiás, Mato Grosso, e Amazonas), que correspondem a cerca de 99,6% da produção nacional.





3. ESTIMATIVA DE ÁREA CULTIVADA

3.1. ÁREA TOTAL (ARÁBICA E CONILON)

A área total plantada com a cultura (arábica e conilon) totaliza 2,2 milhões hectares, 0,2% inferior à cultivada em 2017. Desse total, 286,5 mil hectares (13%) estão em formação e 1,92 milhão de hectares (87%) em produção.

Gráfico 1 – Área total de café (arábica e conilon) - Em hectares

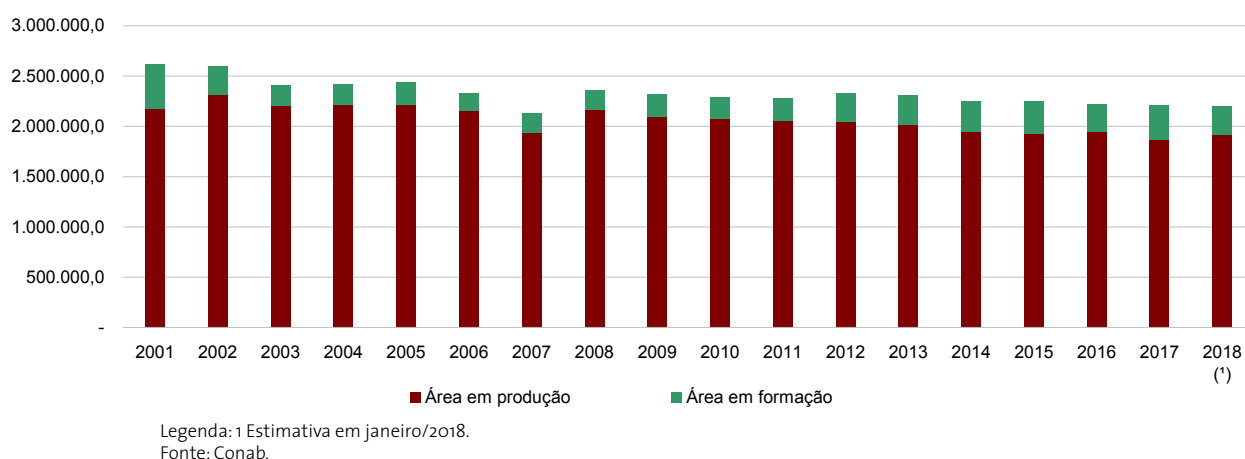


Tabela 1 - Café total (arábica e conilon) - Comparativo de área em formação, em produção e total

REGIÃO/UF	ÁREA EM FORMAÇÃO (ha)			ÁREA EM PRODUÇÃO (ha)			ÁREA TOTAL (ha)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	9.243,1	9.155,1	(1,0)	75.218,8	75.232,8	-	84.461,9	84.387,9	(0,1)
RO	9.084,0	9.084,0	-	74.255,0	74.255,0	-	83.339,0	83.339,0	-
AM	71,1	71,1	-	503,8	503,8	-	574,9	574,9	-
PA	88,0	-	(100,0)	460,0	474,0	3,0	548,0	474,0	(13,5)
NORDESTE	12.926,0	9.077,0	(29,8)	141.641,0	141.478,0	(0,1)	154.567,0	150.555,0	(2,6)
BA	12.926,0	9.077,0	(29,8)	141.641,0	141.478,0	(0,1)	154.567,0	150.555,0	(2,6)
Cerrado	3.350,0	931,0	(72,2)	9.670,0	11.306,0	16,9	13.020,0	12.237,0	(6,0)
Planalto	7.225,0	5.516,0	(23,7)	85.201,0	83.006,0	(2,6)	92.426,0	88.522,0	(4,2)
Atlântico	2.351,0	2.630,0	11,9	46.770,0	47.166,0	0,8	49.121,0	49.796,0	1,4
CENTRO-OESTE	4.029,0	2.779,0	(31,0)	15.079,0	16.597,0	10,1	19.108,0	19.376,0	1,4
MT	2.131,0	1.644,0	(22,9)	9.563,0	10.050,0	5,1	11.694,0	11.694,0	-
GO	1.898,0	1.135,0	(40,2)	5.516,0	6.547,0	18,7	7.414,0	7.682,0	3,6
SUDESTE	315.382,0	261.942,0	(16,9)	1.579.982,0	1.636.407,0	48,2	1.895.364,0	1.898.349,0	0,2
MG	254.352,0	210.197,0	(17,4)	980.762,0	1.033.636,0	5,4	1.235.114,0	1.243.833,0	0,7
Sul e Centro-Oeste	157.575,0	118.907,0	(24,5)	496.493,0	543.444,0	9,5	654.068,0	662.351,0	1,3
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	45.011,0	36.454,0	(19,0)	169.867,0	178.228,0	4,9	214.878,0	214.682,0	(0,1)
Zona da Mata, Rio Doce e Central	47.478,0	51.565,0	8,6	281.905,0	278.846,0	(1,1)	329.383,0	330.411,0	0,3
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	4.288,0	3.271,0	(23,7)	32.497,0	33.118,0	1,9	36.785,0	36.389,0	(1,1)
ES	46.970,0	39.724,0	(15,4)	385.538,0	387.926,0	0,6	432.508,0	427.650,0	(1,1)
RJ	857,0	462,0	(46,1)	13.053,0	13.445,0	3,0	13.910,0	13.907,0	-
SP	13.203,0	11.559,0	(12,5)	200.629,0	201.400,0	0,4	213.832,0	212.959,0	(0,4)
SUL	2.840,0	3.200,0	12,7	43.260,0	37.900,0	(12,4)	46.100,0	41.100,0	(10,8)
PR	2.840,0	3.200,0	12,7	43.260,0	37.900,0	(12,4)	46.100,0	41.100,0	(10,8)
OUTROS (*)	399,0	329,0	(17,5)	7.945,0	8.530,0	7,4	8.344,0	8.859,0	6,2
NORTE/NORDESTE	22.169,1	18.232,1	(17,8)	216.859,8	216.710,8	(0,1)	239.028,9	234.942,9	(1,7)
CENTRO-SUL	322.251,0	267.921,0	(16,9)	1.638.321,0	1.690.904,0	3,2	1.960.572,0	1.958.825,0	(0,1)
BRASIL	344.819,1	286.482,1	(16,9)	1.863.125,8	1.916.144,8	2,8	2.207.944,9	2.202.626,9	(0,2)

Legenda: (*) Acre, Ceará, Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2018.



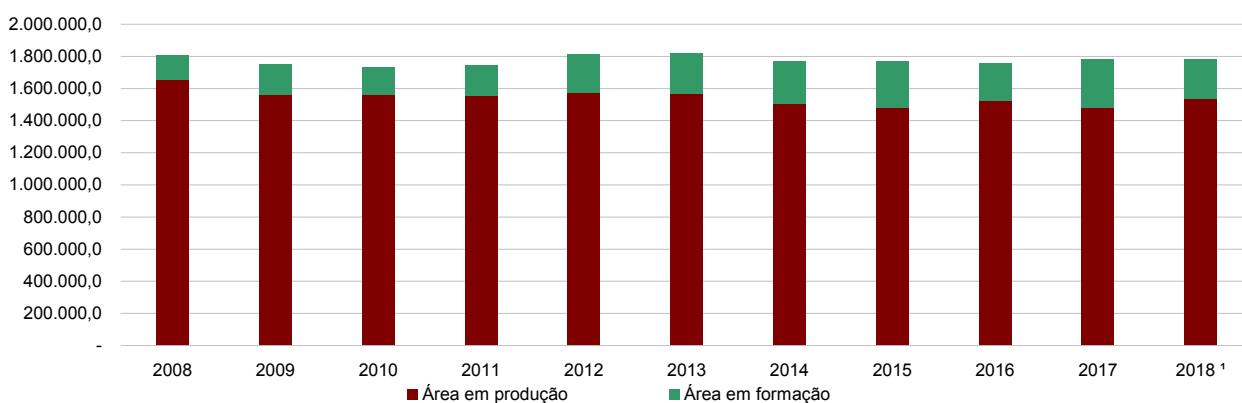
3.2. CAFÉ ARÁBICA

A área plantada do café arábica soma 1,78 milhão de hectares, o que corresponde a 81% da área existente com lavouras de café. Para a nova safra, estima-se crescimento de 0,2% (3,75 mil hectares). Minas Gerais concentra a maior área com a espécie, 1,23 milhão de hectares, correspondendo a 68,8% da área ocupada com café arábica, em âmbito nacional.

A área plantada de café arábica tem se mantido estável nos últimos dez anos e gira em torno de 1,78

milhão de hectares. Além dos ciclos plurianuais de preços e produção de café, o café arábica é caracterizado por flutuações de área em produção entre as safras. Essas variações ocorrem em razão do ciclo de bienalidade do café. Nos anos de ciclo de bienalidade negativa a área em formação aumenta, uma vez que os produtores optam por manejar as culturas, especialmente as áreas mais velhas, onde a produtividade é menor.

Gráfico 2 – Área de café arábica - Em hectares



Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2018.



Tabela 2 - Café arábica - Comparativo de área em formação, em produção e total

REGIÃO/UF	ÁREA EM FORMAÇÃO (ha)			ÁREA EM PRODUÇÃO (ha)			ÁREA TOTAL (ha)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	10.575,0	6.447,0	(39,0)	94.871,0	94.312,0	(0,6)	105.446,0	100.759,0	(4,4)
BA	10.575,0	6.447,0	(39,0)	94.871,0	94.312,0	(0,6)	105.446,0	100.759,0	(4,4)
Cerrado	3.350,0	931,0	(72,2)	9.670,0	11.306,0	16,9	13.020,0	12.237,0	(6,0)
Planalto	7.225,0	5.516,0	(23,7)	85.201,0	83.006,0	(2,6)	92.426,0	88.522,0	(4,2)
CENTRO-OESTE	1.906,0	1.138,0	(40,3)	5.561,0	6.597,0	18,6	7.467,0	7.735,0	3,6
MT	8,00	3,00	(62,5)	45,00	50,00	11,1	53,0	53,0	-
GO	1.898,0	1.135,0	(40,2)	5.516,0	6.547,0	18,7	7.414,0	7.682,0	3,6
SUDESTE	283.687,0	236.063,0	(16,8)	1.331.556,0	1.391.878,0	4,5	1.615.243,0	1.627.941,0	0,8
MG	253.707,0	209.542,0	(17,4)	967.751,0	1.020.430,0	5,4	1.221.458,0	1.229.972,0	0,7
Sul e Centro-Oeste	157.575,0	118.907,0	(24,5)	496.493,0	543.444,0	9,5	654.068,0	662.351,0	1,3
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	45.011,0	36.454,0	(19,0)	169.867,0	178.228,0	4,9	214.878,0	214.682,0	(0,1)
Zona da Mata, Rio Doce e Central	47.059,0	51.139,0	8,7	273.448,0	270.262,0	(1,2)	320.507,0	321.401,0	0,3
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	4.062,0	3.042,0	(25,1)	27.943,0	28.496,0	2,0	32.005,0	31.538,0	(1,5)
ES	15.920,0	14.500,0	(8,9)	150.123,0	156.603,0	4,3	166.043,0	171.103,0	3,0
RJ	857,0	462,0	(46,1)	13.053,0	13.445,0	3,0	13.910,0	13.907,0	-
SP	13.203,0	11.559,0	(12,5)	200.629,0	201.400,0	0,4	213.832,0	212.959,0	(0,4)
SUL	2.840,0	3.200,0	12,7	43.260,0	37.900,0	(12,4)	46.100,0	41.100,0	(10,8)
PR	2.840,0	3.200,0	12,7	43.260,0	37.900,0	(12,4)	46.100,0	41.100,0	(10,8)
OUTROS (*)	399,0	329,0	(17,5)	6.293,0	6.833,0	8,6	6.692,0	7.162,0	7,0
NORTE/NORDESTE	10.575,0	6.447,0	(39,0)	94.871,0	94.312,0	(0,6)	105.446,0	100.759,0	(4,4)
CENTRO-SUL	288.433,0	240.401,0	(16,7)	1.380.377,0	1.436.375,0	4,1	1.668.810,0	1.676.776,0	0,5
BRASIL	299.407,0	247.177,0	(17,4)	1.481.541,0	1.537.520,0	3,8	1.780.948,0	1.784.697,0	0,2

Legenda: (*) Ceará, Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2018.



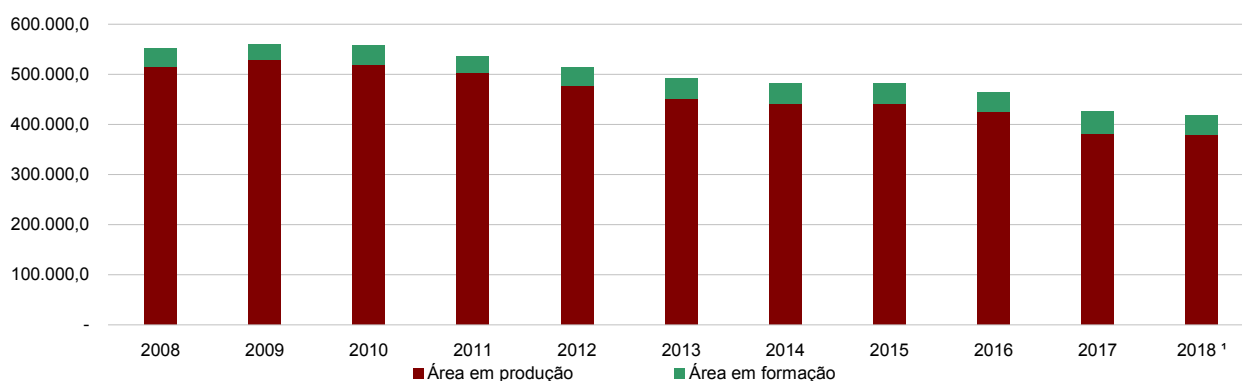
3.3. CAFÉ CONILON

Para o café conilon, a estimativa é de redução de 2,1% na área, estimada em 417,93 mil hectares. Desse total, 378,62 mil hectares estão em produção e 39,31 mil hectares em formação. No Espírito Santo está a maior área, 256,55 mil hectares, seguido de Rondônia, com 83,34 mil hectares e logo após, a Bahia, com 49,8 mil hectares.

produção, normalmente ela ocorre com menor intensidade no café conilon devido as práticas de manejo. A área desta espécie vem decrescendo a cada ano. Desde 2008 a área reduziu 136,89 mil hectares. A área em formação segue praticamente estável, variando de 5 a 10% da área total. Este ano a estimativa é de redução de 2.960 hectares da cultura no país, em relação a 2017.

Apesar de também sofrer influência da bienalidade de

Gráfico 1 – Área de Café conilon no Brasil - Em hectares



Legenda: (*) Acre e Ceará
Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em janeiro/2018.



Tabela 1 - Café conilon - Comparativo de área em formação, em produção e total

REGIÃO/UF	ÁREA EM FORMAÇÃO (ha)			ÁREA EM PRODUÇÃO (ha)			ÁREA TOTAL (ha)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	9.243,1	9.155,1	(1,0)	75.218,8	75.232,8	-	84.461,9	84.387,9	(0,1)
RO	9.084,0	9.084,0	-	74.255,0	74.255,0	-	83.339,0	83.339,0	-
AM	71,1	71,1	-	503,8	503,8	-	574,9	574,9	-
PA	88,0	-	(100,0)	460,0	474,0	3,0	548,0	474,0	(13,5)
NORDESTE	2.351,0	2.630,0	11,9	46.770,0	47.166,0	0,8	49.121,0	49.796,0	1,4
BA	2.351,0	2.630,0	11,9	46.770,0	47.166,0	0,8	49.121,0	49.796,0	1,4
Atlântico	2.351,0	2.630,0	11,9	46.770,0	47.166,0	0,8	49.121,0	49.796,0	1,4
CENTRO-OESTE	2.123,0	1.641,0	(22,7)	9.518,0	10.000,0	5,1	11.641,0	11.641,0	-
MT	2.123,00	1.641,0	(22,7)	9.518,00	10.000,00	5,1	11.641,0	11.641,0	-
SUDESTE	31.695,0	25.879,0	(18,3)	248.426,0	244.529,0	(1,6)	280.121,0	270.408,0	(3,5)
MG	645,0	655,0	1,6	13.011,0	13.206,0	1,5	13.656,0	13.861,0	1,5
Zona da Mata, Rio Doce e Central	419,0	426,0	1,7	8.457,0	8.584,0	1,5	8.876,0	9.010,0	1,5
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	226,0	229,0	1,3	4.554,0	4.622,0	1,5	4.780,0	4.851,0	1,5
ES	31.050,0	25.224,0	(18,8)	235.415,0	231.323,0	(1,7)	266.465,0	256.547,0	(3,7)
OUTROS (*)	-	-	-	1.652,0	1.697,0	2,7	1.652,0	1.697,0	2,7
NORTE/NORDESTE	11.594,1	11.785,1	1,6	121.988,8	122.398,8	0,3	133.582,9	134.183,9	0,4
CENTRO-SUL	33.818,0	27.520,0	(18,6)	257.944,0	254.529,0	(1,3)	291.762,0	282.049,0	(3,3)
BRASIL	45.412,1	39.305,1	(13,4)	381.584,8	378.624,8	(0,8)	426.996,9	417.929,9	(2,1)

Legenda: (*) Acre e Ceará.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2018.



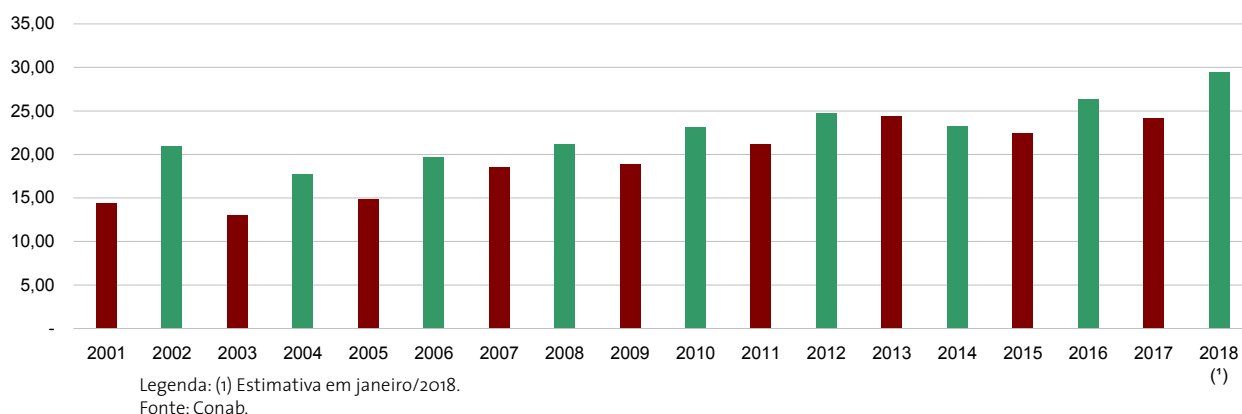


4. ESTIMATIVA DE PRODUTIVIDADE

4.1. PRODUTIVIDADE TOTAL (ARÁBICA E CONILON)

A para a safra 2018 estima-se produtividade situe-se entre 28,41 e 30,54 sacas por hectare, equivalendo a um acréscimo de 17,7% a 26,5%, em relação à safra passada. O acréscimo deve ocorrer em quase todas as principais regiões produtoras. Em todos os estados da Região Norte e Nordeste e no Mato Grosso, onde predominam o cultivo de conilon, além do Norte de Minas Gerais, a expectativa é de produtividades superiores a safra anterior em função da expectativa de melhores condições climáticas.

Gráfico 1 – Produtividade de café total (arábica e conilon) no Brasil



O melhor manejo e pacote tecnológico elevado utilizado pelos produtores tem levado, ao longo dos anos, numa diminuição da diferença entre as produtividades de ciclo positivo e negativo, como pode ser percebido entre 2001 e 2013. O ciclo bienal é, portanto,

característica do cafeeiro. Contudo uma adversidade climática pode alterar o ciclo bienal, como ocorreu em 2014 que, apesar de ser uma safra positiva, a forte restrição hídrica fez com que a produtividade fosse inferior ao ano anterior.

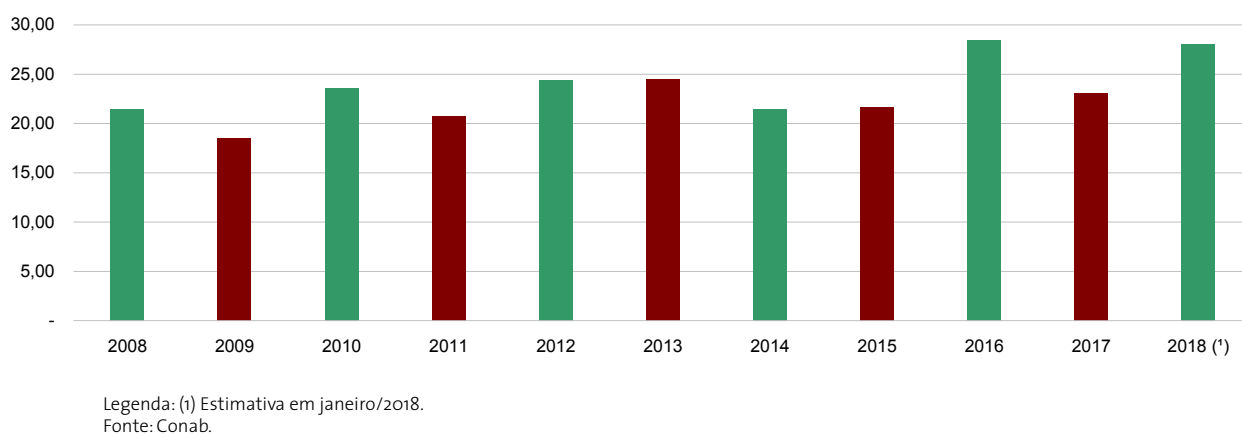
4.2. PRODUTIVIDADE DE ARÁBICA

O arábica, espécie mais influenciada pelo ciclo bienal, entrará este ano num novo ano de bienalidade positiva. Este ciclo bienal consiste na alternância de um ano com grande florada dos cafeeiros seguido por outro ano com florada menos intensa. Isto é uma característica natural desta cultura perene ocasionada pelo esgotamento da planta, uma vez que no ano negativo

ela se recupera para produzir melhor no ano subsequente. A estimativa é que a produtividade se situe entre 27,15 e 28,98 sacas por hectare.

Há algumas exceções como no Paraná, onde a geada de 2013 inverteu a bienalidade, ou seja, este ano ela será negativa.

Gráfico 2 – Produtividade de café arábica no Brasil



4.3. PRODUTIVIDADE DE CONILON

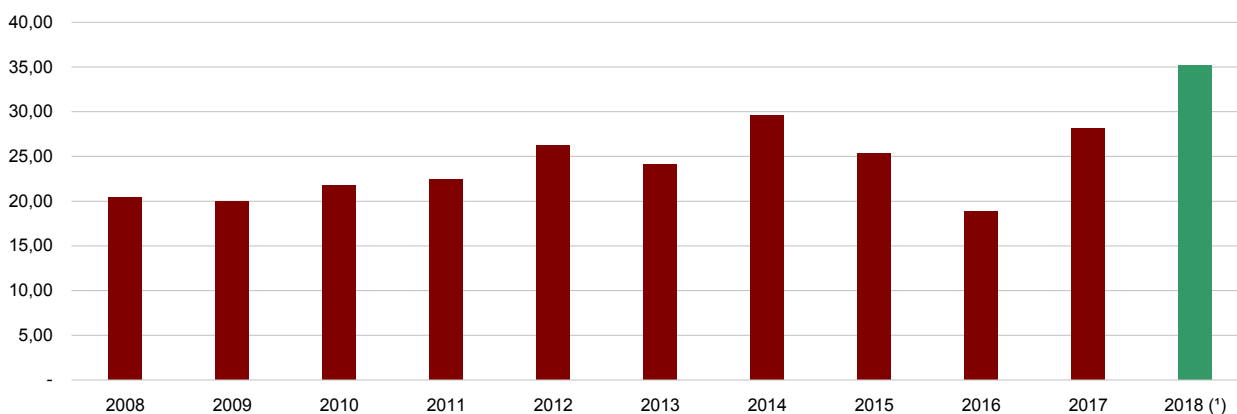
O café conilon é uma espécie mais rústica e, por isso, possui vantagens sobre o arábica. Além de ser mais resistente a pragas e doenças pode tolerar temperaturas mais elevadas e deficiência hídrica mais do que o conilon. Além disso as produtividades são mais elevadas.

O Espírito Santo produziu 55% do café conilon do país em 2017 e por isso as variações que ocorrem naquele estado influenciam a média nacional. O estado sofreu a influência de chuvas abaixo da média em duas sa-

fras consecutivas. O decréscimo significativo da produtividade de café conilon em 2015 e 2016 se deve a seca e má distribuição de chuvas, principalmente nas épocas do florescimento, formação e enchimento de grãos, além da falta de águas nos mananciais para irrigação.

A estimativa é de expressão do potencial de produtividade desta espécie em 2018, com produtividade média brasileira situando-se entre 33,53 e 38,56 sc/ha.

Gráfico 3 – Produtividade de café conilon no Brasil



Legenda: (*) Estimativa em janeiro/2018.
Fonte: Conab.





5. ESTIMATIVA DE PRODUÇÃO

5.1. PRODUÇÃO TOTAL (ARÁBICA E CONILON)

A primeira estimativa, para a produção da safra cafeeira (espécies arábica e conilon) em 2018, indica que o país deverá colher entre 54,44 e 58,51 milhões de sacas de 60 quilos de café beneficiado. O resultado representa aumento de 21,1 a 30,1%, quando comparado com a produção de 44,97 milhões de sacas obtidas na safra passada.

Tabela 1 – Café total (arábica e conilon) - Comparativo de área em produção, produtividade e produção

REGIÃO/UF	ÁREA EM PRODUÇÃO (ha)			PRODUTIVIDADE (sc/ha)					PRODUÇÃO (mil/sc)				
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018		VAR. %		Safra 2017	Safra 2018		VAR. %	
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)		(d/c)		(e)	(f)		(f/e)	
					Superior	Inferior	Superior	Inferior		Superior	Inferior	Superior	Inferior
NORTE	75.218,8	75.232,8	-	25,95	30,32	32,13	16,8	23,8	1.952,1	2.281,4	2.417,3	16,9	23,8
RO	74.255,0	74.255,0	-	26,10	30,54	32,37	17,0	24,0	1.938,2	2.267,7	2.403,6	17,0	24,0
AM	503,8	503,8	-	14,89	13,89	13,89	(6,7)	(6,7)	7,5	7,0	7,0	(6,7)	(6,7)
PA	460,0	474,0	3,0	13,91	14,14	14,14	1,6	1,6	6,4	6,7	6,7	4,7	4,7
NORDESTE	141.641,0	141.478,0	(0,1)	23,71	28,49	29,84	20,2	25,8	3.358,0	4.031,0	4.221,0	20,0	25,7
BA	141.641,0	141.478,0	(0,1)	23,71	28,49	29,84	20,2	25,8	3.358,0	4.031,0	4.221,0	20,0	25,7
Cerrado	9.670,0	11.306,0	16,9	29,78	43,34	45,11	45,5	51,5	288,0	490,0	510,0	70,1	77,1
Planalto	85.201,0	83.006,0	(2,6)	8,10	15,02	15,79	85,5	95,0	690,0	1.247,0	1.311,0	80,7	90,0
Atlântico	46.770,0	47.166,0	0,8	50,89	48,64	50,88	(4,4)	-	2.380,0	2.294,0	2.400,0	(3,6)	0,8
CENTRO-OESTE	15.079,0	16.597,0	10,1	18,68	14,78	15,45	(20,9)	(17,3)	281,7	245,3	256,4	(12,9)	(9,0)
MT	9.563,0	10.050,0	5,1	9,57	9,81	10,32	2,5	7,8	91,5	98,6	103,7	7,8	13,3
GO	5.516,0	6.547,0	18,7	34,48	22,41	23,32	(35,0)	(32,4)	190,2	146,7	152,7	(22,9)	(19,7)
SUDESTE	1.579.982,0	1.636.407,0	3,6	24,10	28,65	30,86	18,9	28,1	38.071,1	46.879,7	50.492,7	23,1	32,6
MG	980.762,0	1.033.636,0	5,4	24,92	28,15	29,64	12,9	18,9	24.445,3	29.093,5	30.632,9	19,0	25,3
Sul e Centro-Oeste	496.493,0	543.444,0	9,5	27,56	28,62	30,14	3,8	9,3	13.684,2	15.553,9	16.376,8	13,7	19,7
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	169.867,0	178.228,0	4,9	21,54	32,96	34,70	53,0	61,1	3.658,3	5.873,9	6.184,7	60,6	69,1
Zona da Mata, Rio Doce e Central	281.905,0	278.846,0	(1,1)	22,99	24,77	26,08	7,7	13,4	6.481,1	6.907,5	7.273,0	6,6	12,2
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	32.497,0	33.118,0	1,9	19,13	22,89	24,11	19,7	26,0	621,7	758,2	798,4	22,0	28,4
ES	385.538,0	387.926,0	0,6	22,99	29,84	34,37	29,8	49,5	8.865,0	11.577,0	13.333,0	30,6	50,4
RJ	13.053,0	13.445,0	3,0	26,74	26,42	27,77	(1,2)	3,9	349,0	355,2	373,4	1,8	7,0
SP	200.629,0	201.400,0	0,4	21,99	29,07	30,55	32,2	38,9	4.411,8	5.854,0	6.153,4	32,7	39,5
SUL	43.260,0	37.900,0	(12,4)	27,97	23,75	26,91	(15,1)	(3,8)	1.210,0	900,0	1.020,0	(25,6)	(15,7)
PR	43.260,0	37.900,0	(12,4)	27,97	23,75	26,91	(15,1)	(3,8)	1.210,0	900,0	1.020,0	(25,6)	(15,7)
OUTROS	7.945,0	8.530,0	7,4	12,22	12,19	12,19	(0,2)	(0,2)	97,1	104,0	104,0	7,1	7,1
NORTE/NORDESTE	216.859,8	216.710,8	(0,1)	24,49	29,13	30,63	19,0	25,1	5.310,1	6.312,4	6.638,3	18,9	25,0
CENTRO-SUL	1.638.321,0	1.690.904,0	3,2	24,15	28,40	30,62	17,6	26,8	39.562,8	48.025,0	51.769,1	21,4	30,9
BRASIL	1.863.125,8	1.916.144,8	2,8	24,14	28,41	30,54	17,7	26,5	44.970,0	54.441,4	58.511,4	21,1	30,1

Legenda: (*) Acre, Ceará, Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2018.



Gráfico 1 – Produção total de café (arábica e conilon)

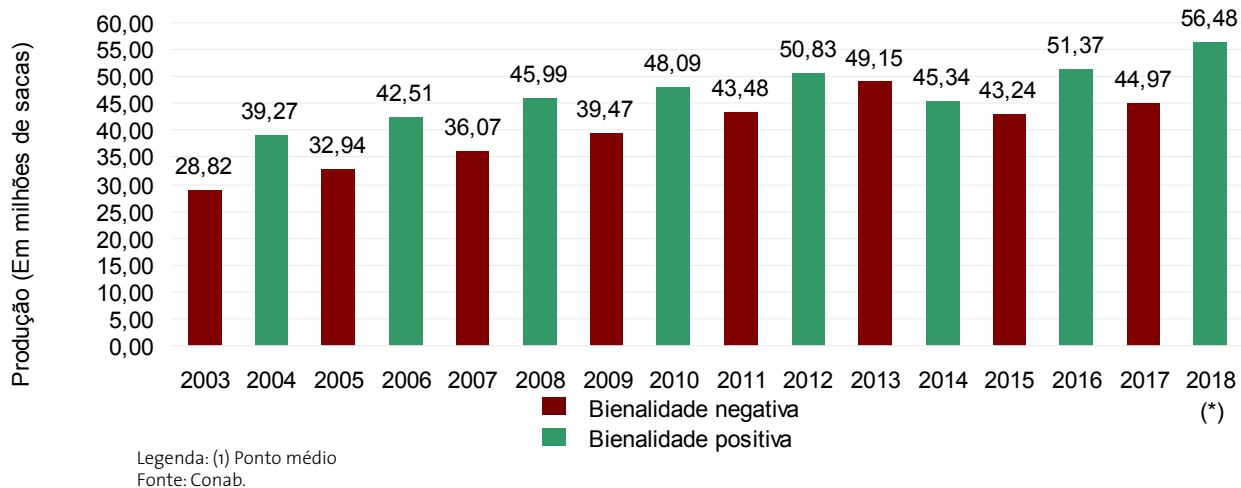


Gráfico 2 – Produção total de café (arábica e conilon) – anos de bienalidade positiva

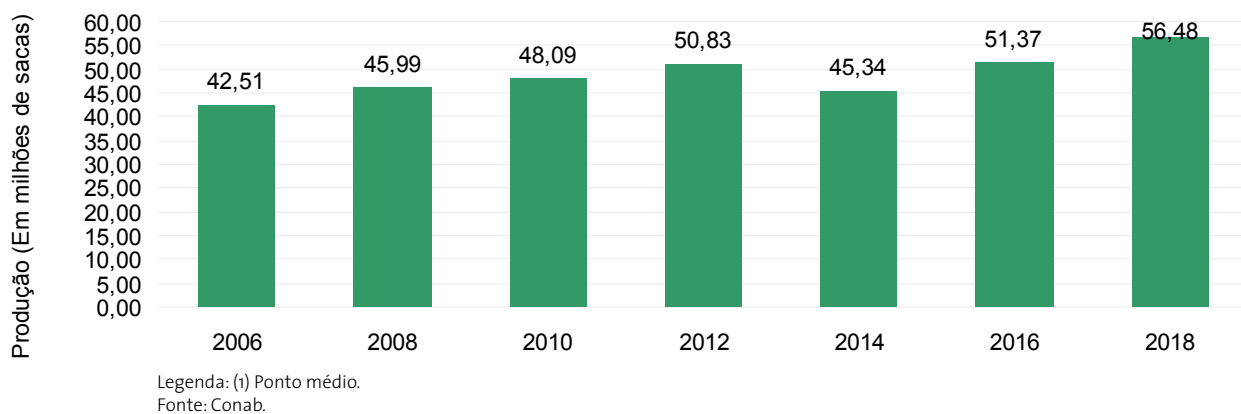
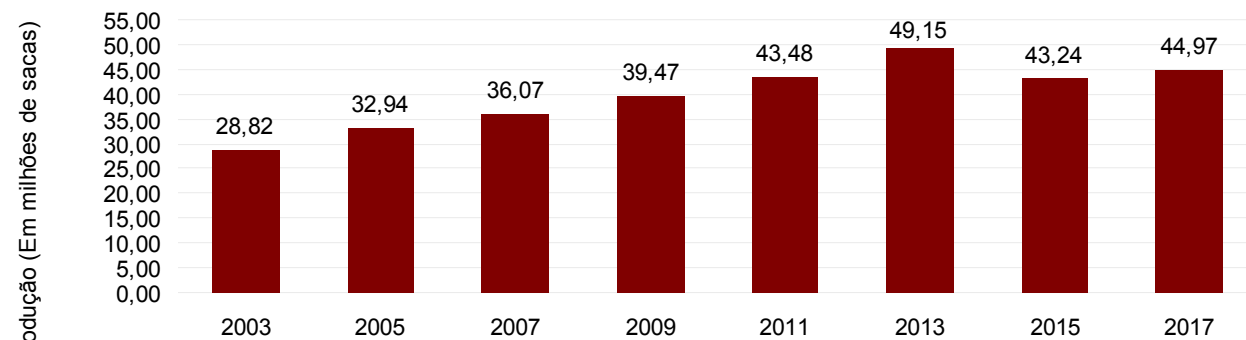


Gráfico 3 – Produção total de café (arábica e conilon) – anos de bialidade negativa



Legenda: (1) Ponto médio.
Fonte: Conab.

5.2. PRODUÇÃO DE ARÁBICA

O café arábica representa aproximadamente 76% da produção total (arábica e conilon) de café do país. Para a nova safra, que é de ciclo de bialidade positiva, estima-se que sejam colhidas entre 41,74 e 44,55 milhões de sacas (ponto médio 43,15 milhões), corresponde a um crescimento que variou de 21,9 a 30,1% quando comparado com a safra 2016, de 43,38 milhões de sacas, último ano de bialidade positiva. Em 2018, a produção retoma o nível do volume produzido em 2016 e mantém a escala de crescimento que vinha ocorrendo anteriormente.

A cafeicultura é caracterizada pela alternância de bialidade positiva e negativada. Esse ciclo bienal de produção de café diminui a oferta do produto, exigindo estocagem e carregamento de uma safra para

outra. Entretanto, devido ao setor capitalizado, o produtor tem in-

vestido em novas tecnologias, o que tem contribuído para uma melhor recuperação das plantas bastantes estressadas, que vem de um ciclo de alta produção, com o intuito de minimizar a redução da produção nas safras de ano de bialidade negativa

Apesar de estiagem ocorrida no início da floração, o que aumentou a desfolha dos cafezais, as chuvas tiveram início no final de setembro e, embora irregulares, foram suficientes para induzir a uma florada de alta intensidade em outubro. Após a florada houve descontinuidade das chuvas, grande elevação das temperaturas e altas amplitudes térmicas, e essas condições se mantiveram até metade de novembro, quando o período chuvoso se firmou e as precipitações passaram a ocorrer com maior volume e regularidade.



Tabela 2 – Café arábica - Comparativo de área em produção, produtividade e produção

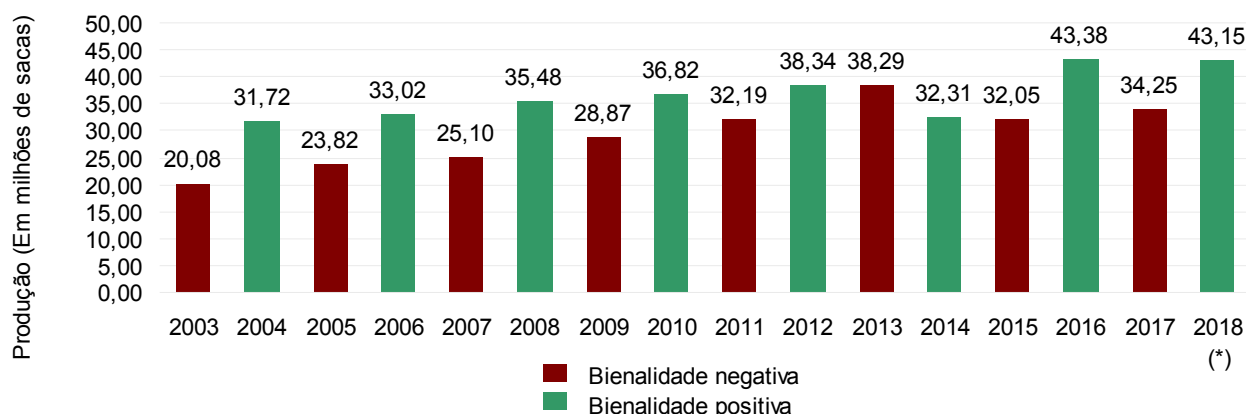
REGIÃO/UF	ÁREA EM PRODUÇÃO (ha)			PRODUTIVIDADE (sc/ha)					PRODUÇÃO (mil/sc)				
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018		VAR. %		Safra 2017	Safra 2018		VAR. %	
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)		(d/c)		(e)	(f)		(f/e)	
					Superior	Inferior	Superior	Inferior		Superior	Inferior	Superior	Inferior
NORDESTE	94.871,0	94.312,0	(0,6)	10,31	18,42	19,31	78,7	87,3	978,0	1.737,0	1.821,0	77,6	86,2
BA	94.871,0	94.312,0	(0,6)	10,31	18,42	19,31	78,7	87,3	978,0	1.737,0	1.821,0	77,6	86,2
Cerrado	9.670,0	11.306,0	16,9	25,47	43,34	45,11	70,1	77,1	288,0	490,0	510,0	70,1	77,1
Planalto	85.201,0	83.006,0	(2,6)	8,10	15,02	15,79	85,5	95,0	690,0	1.247,0	1.311,0	80,7	90,0
CENTRO-OESTE	5.561,0	6.597,0	18,6	34,40	22,40	23,33	(34,9)	(32,2)	191,3	147,8	153,9	(22,7)	(19,6)
MT	45,0	50,0	11,1	24,44	22,00	24,00	(10,0)	(1,8)	1,1	1,1	1,2	-	9,1
GO	5.516,0	6.547,0	18,7	34,48	22,41	23,32	(35,0)	(32,4)	190,2	146,7	152,7	(22,9)	(19,7)
SUDESTE	1.331.556,0	1.391.878,0	4,5	23,89	27,95	29,81	17,0	24,8	31.812,4	38.897,3	41.496,9	22,3	30,4
MG	967.751,0	1.020.430,0	5,4	24,90	28,19	29,68	13,2	19,2	24.101,6	28.768,1	30.290,1	19,4	25,7
Sul e Centro-Oeste	496.493,0	543.444,0	9,5	27,56	28,62	30,14	3,8	9,3	13.684,2	15.553,9	16.376,8	13,7	19,7
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	169.867,0	178.228,0	4,9	21,54	32,96	34,70	53,0	61,1	3.658,3	5.873,9	6.184,7	60,6	69,1
Zona da Mata, Rio Doce e Central	273.448,0	270.262,0	(1,2)	22,88	24,78	26,09	8,3	14,0	6.257,7	6.696,0	7.050,2	7,0	12,7
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	27.943,0	28.496,0	2,0	17,94	22,61	23,81	26,0	32,7	501,4	644,3	678,4	28,5	35,3
ES	150.123,0	156.603,0	4,3	19,65	25,03	29,88	27,4	52,1	2.950,0	3.920,0	4.680,0	32,9	58,6
RJ	13.053,0	13.445,0	3,0	26,74	26,42	27,77	(1,2)	3,9	349,0	355,2	373,4	1,8	7,0
SP	200.629,0	201.400,0	0,4	21,99	29,07	30,55	32,2	38,9	4.411,8	5.854,0	6.153,4	32,7	39,5
SUL	43.260,0	37.900,0	(12,4)	27,97	23,75	26,91	(15,1)	(3,8)	1.210,0	900,0	1.020,0	(25,6)	(15,7)
PR	43.260,0	37.900,0	(12,4)	27,97	23,75	26,91	(15,1)	(3,8)	1.210,0	900,0	1.020,0	(25,6)	(15,7)
OUTROS (*)	6.293,0	6.833,0	8,6	9,12	9,18	9,18	0,6	0,6	57,4	62,7	62,7	9,2	9,2
NORTE/NORDESTE	94.871,0	94.312,0	(0,6)	10,31	18,42	19,31	78,7	87,3	978,0	1.737,0	1.821,0	77,6	86,2
CENTRO-SUL	1.380.377,0	1.436.375,0	4,1	24,06	27,81	29,71	15,6	23,5	33.213,7	39.945,1	42.670,8	20,3	28,5
BRASIL	1.481.541,0	1.537.520,0	3,8	23,12	27,15	28,98	17,4	25,4	34.249,1	41.744,8	44.554,5	21,9	30,1

Legenda: (*) Acre, Ceará, Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2018.

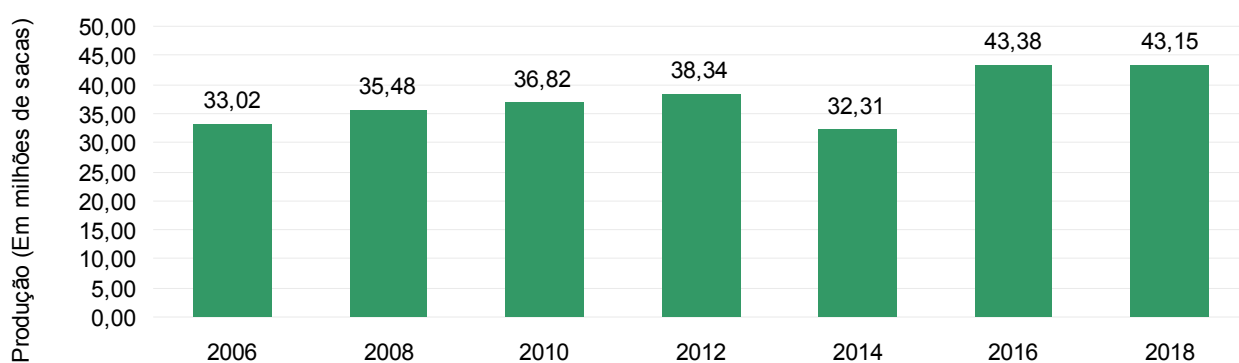
Gráfico 4 – Produção de café arábica no Brasil



Legenda: (t) Ponto médio.
Fonte: Conab.

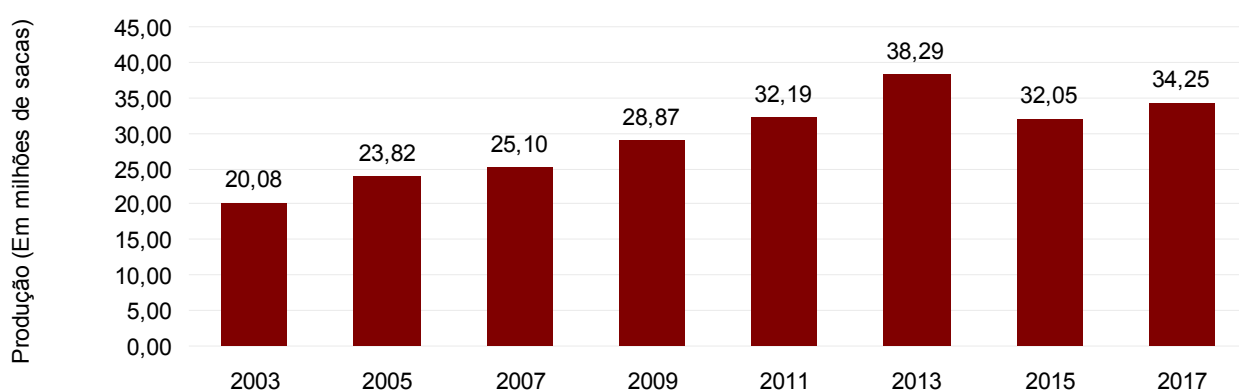


Gráfico 5 – Produção de café arábica no Brasil – Anos de bienalidade positiva



Legenda: (1) Ponto médio.
Fonte: Conab.

Gráfico 6 – Produção de café arábica no Brasil – Anos de bienalidade negativa



Legenda: (1) Ponto médio.
Fonte: Conab.

5.3. PRODUÇÃO DE CONILON

A produção do conilon representa aproximadamente 24% da produção total de café do país, estimada entre 12,7 e 13,96 milhões de sacas, representando um crescimento entre 18,4 e 30,2% sobre a safra 2017. Esse resultado se deve, sobretudo, a ciclo de recuperação do potencial de produtividade das lavouras do Espírito Santo e Bahia, além do aumento de produtividade em Rondônia, por causa do processo de maior utilização de tecnologias como o plantio de café clonal e ao maior investimento nas lavouras. Considerando o ponto médio (13,33 milhões de sacas), essa produção poderá ser 2,3% superior à colhida em 2014, quando totalizou 13,03 milhões de sacas, até então a maior produção da série histórica.

No Espírito Santo, maior produtor de conilon, esse aumento deverá ocorrer, principalmente, devido às condições climáticas favoráveis atravessadas pelas lavouras de café. A estimativa é que a área seja 1,7% menor se comparada à safra passada, mas com aumento de 19,4 a 31,2% na produtividade. Graças ao aumento da pluviosidade em 2017, as lavouras conseguiram recu-

perar as folhas, crescer os ramos e melhorar sua saúde geral. A estimativa de produção nessa safra fica no intervalo entre 7,7 e 8,7 milhões de sacas. Comparado com a safra passada, o crescimento da produção fica entre 29,5 e 46,3%.

Se comparado à safra 2014, que foi um ano de normalidade climática, com produção de 9,95 milhões de sacas, a safra desse ano poderá ser entre 22,6 e 12,6% menor, ou seja, com a renovação das lavouras nos últimos anos, o estado ainda possui potencial de aumento de produção.

De 2005 a 2014, a produção de café conilon apresentou uma produção ascendente, com média de 4,5% ao ano, sendo que em 2014 a produção atingiu a produção recorde de 13,04 milhões de sacas. Em 2015 houve, no Espírito Santo, uma forte estiagem acompanhada por altas temperaturas, que impactou a produtividade. Com isso, a produção foi reduzida para 7,76 milhões de sacas

Na safra 2016, o comportamento climático foi seme-



lhante ao de 2015, com a produção estadual decrescendo para 5,04 milhões de sacas. Nesse ano, a safra de conilon na Bahia também sofreu impacto da escassez hídrica, o que acarretou forte diminuição da produção estimada e ajudou a reduzir a oferta brasileira de café conilon naquele ano.

Em 2017, o nível das chuvas foi maior que a média histórica entre maio e junho. Logo após uma estiagem ocorrida em agosto, houve o retorno das chuvas em

setembro que proporcionaram uma florada muito boa e uniforme, sinalizando uma safra promissora e iniciando um ciclo de recuperação na produção na Bahia e no Espírito Santo.

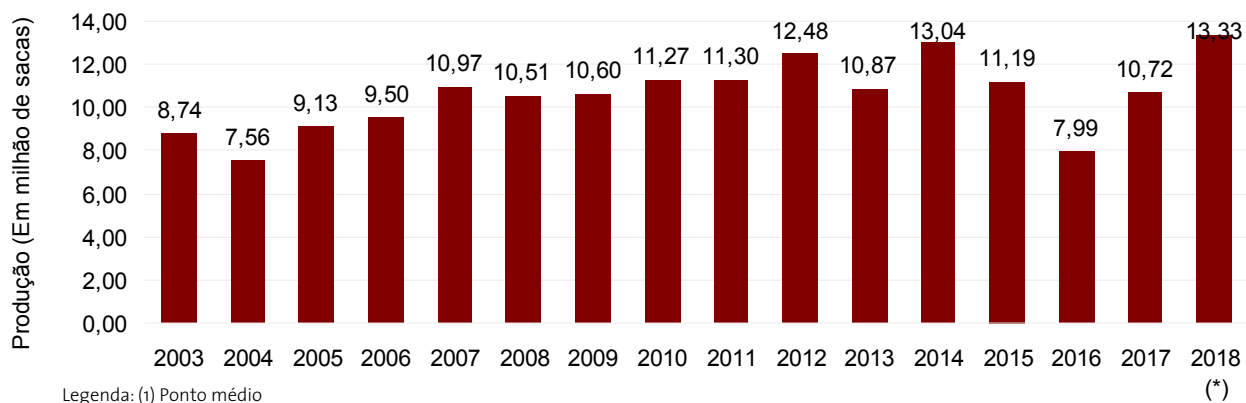
Nessa primeira previsão para a safra 2018, a estimativa é que a produção de conilon se situe entre 12,7 e 13,96 milhões de sacas (média de 13,33 milhões de sacas), colocando a produção no mesmo patamar da safra 2014, quando foram colhidas 13,04 milhões de sacas, um recorde até então.

Tabela 3 – Café conilon - Comparativo de área em produção, produtividade e produção

REGIÃO/UF	ÁREA EM PRODUÇÃO (ha)			PRODUTIVIDADE (sc/ha)					PRODUÇÃO (mil/sc)				
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018		VAR. %		Safra 2017	Safra 2018		VAR. %	
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)		(d/c)		(e)	(f)		(f/e)	
				Superior	Inferior	Superior	Inferior		Superior	Inferior	Superior	Inferior	
NORTE	75.218,8	75.232,8	-	25,95	30,32	32,13	16,8	23,8	1.952,1	2.281,4	2.417,3	16,9	23,8
RO	74.255,0	74.255,0	-	26,10	30,54	32,37	17,0	24,0	1.938,2	2.267,7	2.403,6	17,0	24,0
AM	503,8	503,8	-	14,89	13,89	13,89	(6,7)	(6,7)	7,5	7,0	7,0	(6,7)	(6,7)
PA	460,0	474,0	3,0	13,91	14,14	14,14	1,6	1,6	6,4	6,7	6,7	4,7	4,7
NORDESTE	46.770,0	47.166,0	0,8	50,89	48,64	50,88	(4,4)	-	2.380,0	2.294,0	2.400,0	(3,6)	0,8
BA	46.770,0	47.166,0	0,8	50,89	48,64	50,88	(4,4)	-	2.380,0	2.294,0	2.400,0	(3,6)	0,8
Atlântico	46.770,0	47.166,0	0,8	50,89	48,64	50,88	(4,4)	-	2.380,0	2.294,0	2.400,0	(3,6)	0,8
CENTRO-OESTE	9.518,0	10.000,0	5,1	9,50	9,75	10,25	2,7	7,9	90,4	97,5	102,5	7,9	13,4
MT	9.518,0	10.000,0	5,1	9,50	9,75	10,25	2,7	7,9	90,4	97,5	102,5	7,9	13,4
SUDESTE	248.426,0	244.529,0	(1,6)	25,19	32,64	36,79	29,6	46,0	6.258,7	7.982,4	8.995,8	27,5	43,7
MG	13.011,0	13.206,0	1,5	26,42	24,64	25,96	(6,7)	(1,7)	343,7	325,4	342,8	(5,3)	(0,3)
Zona da Mata, Rio Doce e Central	8.457,0	8.584,0	1,5	26,42	24,64	25,96	(6,7)	(1,7)	223,4	211,5	222,8	(5,3)	(0,3)
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	4.554,0	4.622,0	1,5	26,42	24,64	25,96	(6,7)	(1,7)	120,3	113,9	120,0	(5,3)	(0,2)
ES	235.415,0	231.323,0	(1,7)	25,13	33,10	37,41	31,7	48,9	5.915,0	7.657,0	8.653,0	29,5	46,3
OUTROS (*)	1.652,0	1.697,0	2,7	24,03	24,34	24,34	1,3	1,3	39,7	41,3	41,3	4,0	4,0
NORTE/NORDESTE	121.988,8	122.398,8	0,3	35,51	37,38	39,36	5,3	10,8	4.332,1	4.575,4	4.817,3	5,6	11,2
CENTRO-SUL	257.944,0	254.529,0	(1,3)	24,61	31,74	35,75	29,0	45,2	6.349,1	8.079,9	9.098,3	27,3	43,3
BRASIL	381.584,8	378.624,8	(0,8)	28,10	33,53	36,86	19,4	31,2	10.720,9	12.696,6	13.956,9	18,4	30,2

Legenda: (*) Acre e Ceará.
 Fonte: Conab.
 Nota: Estimativa em janeiro/2018.

Gráfico 7 – Produção de café conilon no Brasil



Legenda: (t) Ponto médio
 Fonte: Conab.





6. CRÉDITO RURAL

6.1. ESPÍRITO SANTO

Com relação ao crédito rural aplicado na produção de café conilon do Espírito Santo, observamos que são duas as principais linhas de crédito acessadas pelos produtores: O custeio e o investimento. O primeiro é a linha de financiamento para o custeio da safra de café daquele ano produtivo, com recursos do Fundo de Defesa da Economia Cafeeira (Funcafé). As contratações dependem do repasse desses Recursos pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA. Já na linha de investimento, o programa mais acessado é o Pronaf - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar. As grandes perdas de potencial produtivo observado nos últimos anos, fizeram o produtor se descapitalizar, o que aumentou a inadimplência e fez que eles recorressem à renegociação das dívidas, tornando-os, na maior parte dos casos, impossibilitados de pegar novo financiamento de custeio, provavelmente, diminuindo o acesso a este tipo de recurso. Além dessa linha de crédito, 70% do café também é financiado por linhas de investimento, que foram utilizadas para plantio, renovação, irrigação, terreiro/secador e etc.

Com relação ao crédito rural aplicado na produção de café arábica do Espírito Santo, as linhas de crédito acessadas pelos produtores são as mesmas do café Conilon: O Custeio e o Investimento. Atualmente, segundo as informações levantadas

junto aos Escritórios do Incaper Espírito Santo, cerca de 65% do Café arábica produzido é financiado por custeio e, além dessa linha de crédito, 40% deste café

também é financiado por linhas de investimento, que foram utilizadas para plantio, renovação, terreiro, secador, estufa, despoldador e etc.

6.2. SÃO PAULO

Em São Paulo, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) destinará, por meio do Fundo de Defesa da Economia Cafeeira (Funcafé), R\$ 4,9 bilhões em recursos para financiar a safra de café 2018.

Do total, R\$ 1,86 bilhão será destinado ao crédito de custeio, R\$ 1,06 bilhão para estocagem e R\$ 425,2 milhões como capital de giro para cooperativas de pro-

dução.

Através do Banco do Brasil, o Funcafé Custeio financia para a classe produtora, fertilizantes, corretivos e defensivos, mão-de-obra, operações com máquinas e equipamentos, aplicação de herbicidas, aruação, transporte para o terreiro e secagem da lavoura de café.

6.3. BAHIA

Na Bahia, a frustração da safra 2017 nas regiões do Planalto e Cerrado, impactou negativamente no acesso ao crédito, havendo redução de 11,7% nos números de acesso e redução de 24,7% nos valores financiados na safra 2018 em relação à safra 2017 para o período de junho a novembro da respectiva safra. Estes percentuais representam a redução de crédito em custeio na ordem de 11,8 milhões de reais. Este custeio nessa fase do ciclo da cultura do café representam os gastos com fertilizantes, defensivos e tratos culturais, e ainda haverá desembolso no próximo semestre para o custeio do manejo de colheita. A redução do acesso ao crédito para as lavouras de café arábica sinaliza a situação dos produtores, que reduziram o parque cafeeiro em 4,4% nessa safra e obtiveram a média de rendimen-

tos de 10,3 scs/ha da safra passada.

A região Atlântico, advinda de safra recorde em 2017 e com expansão do parque cafeeiro estimada em 1,4%, teve ampliação de 6,6% nos números de acesso e ampliação de 21,7% nos valores financiados na safra 2018 em relação à safra 2017 para o período de junho a novembro das respectivas safras caracterizada. Estes percentuais representam o aumento de crédito em custeio na ordem de 7,9 milhões de reais, impulsionando o crescimento das lavouras de café conilon no sul da Bahia

Tabela 6 – Café conilon - Comparativo de área em produção, produtividade e produção

ESPÉCIE	REGIÃO	Desembolso para Custeio das Lavouras de Café			PRODUTIVIDADE (sc/ha)		
		Número de acessos			Valor desembolsado		
		Safra 2016	Safra 2017	VAR (%)	Safra 2016	Safra 2017	VAR (%)
Arábica	Cerrado	20	14	-30,0	32.270.466,37	20.173.532,00	-37,5
Arábica	Planalto	160	145	-9,4	15.304.097,49	15.634.707,00	2,2
Subtotal Arábica		180	159	-11,7	47.574.563,86	35.808.239,00	-24,7
Conilon	Atlântico	197	210	6,6	36.429.510,90	44.339.977,00	21,7
Municípios não informados		27	29	7,4	8.273.608,26	7.885.511,00	-4,7
TOTAL	404	404	398	-1,5	92.277.683,02	88.033.727,00	-4,6

Fonte: Banco Central do Brasil (dados obtidos no site em 14/12/2017).

Nota: Valores desembolsados de junho de 2016 a novembro de 2016 para Safra 2017 e valores desembolsados de junho de 2017 a novembro de 2017 para safra 2018.



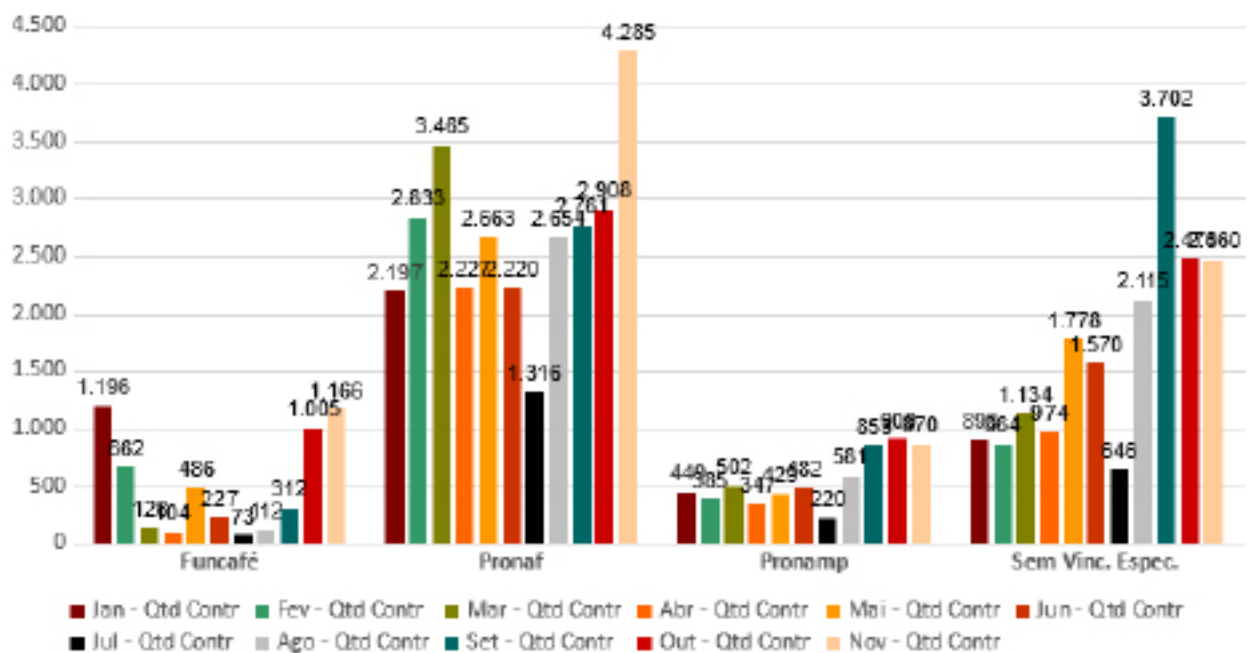
6.4. RONDÔNIA

Os produtores estão acessando normalmente aos recursos disponibilizados pelos Bancos oficiais e Cooperativas de crédito bem como o fluxo de liberação dos créditos pelos agentes financeiros atendem satisfatoriamente. Os atrasos registrados na liberação de alguns projetos aconteceram em casos isolados, devido

ao tempo necessário para liberação de outorga de uso da água, a qual passa a ser uma exigência quando das implantações das lavouras com irrigação.

Os recursos liberados na sua quase totalidade são destinados à agricultura familiar, portanto, utilizando as linhas de financiamento do PRONAF custeio e com

Gráfico 18 – Total de contratos de custeio de café – 2017

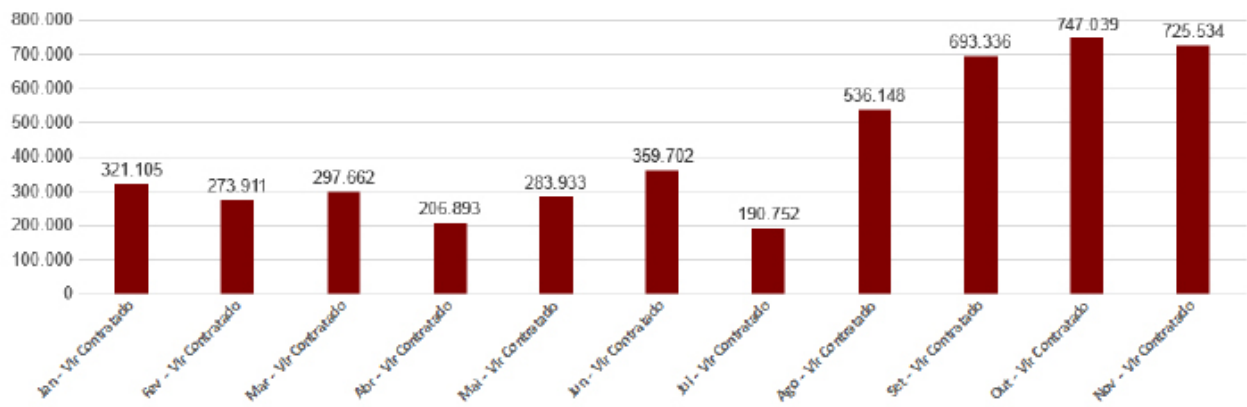


Fonte: Bacen/Conab.

Nota: com possíveis alterações contratuais em valor e quantidade, dados coletados mês a mês



Gráfico 19 – Valor total contratado de custeio de café – 2017



Fonte: Bacen.

Nota: Dados de janeiro a abril, passíveis de alterações.





7. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO - INMET

PROGNÓSTICO TRIMESTRAL (JAN - FEV - MAR/2018) – ALERTA DE VERÃO 2018

O verão vai até 13h15 do dia 20 de março de 2018. A estação é caracterizada, normalmente, por temperaturas elevadas em todo o país em razão da posição relativa do Sol mais ao sul, tornando os dias mais longos que as noites e com mudanças rápidas nas condições de tempo, ou seja, chuva forte, queda de granizo, vento com intensidade moderada a forte e descarga elétrica, em todas as regiões do Brasil.

Com a presença do fenômeno La Niña, de intensidade fraca, essas condições poderão ser alteradas no decorrer do período, com chuva mais contínua nas Regiões Centro-Oeste e Sudeste, índices de chuva acima do normal nas Regiões Norte e Nordeste, e irregularidade na distribuição na Região Sul, essas são as condições médias da precipitação. Quanto a temperatura, poderá ficar acima do normal na Região Sul, normal a abaixo do normal nas Regiões Sudeste e Centro-Oeste, e dentro do normal nas Regiões Nordeste e Norte, são as condições médias.

Nos últimos meses, a temperatura das águas do Oceano Pacífico Equatorial, mantiveram-se abaixo da média. Esse resfriamento vem sendo observado desde agosto de 2017 e indica a permanência do fenômeno La Niña pelo menos até março de 2018 (Gráfico 1). Os modelos de previsão climática, gerados pelos principais centros de Meteorologia, indicam que as tempe-

raturas da superfície do mar devem continuar abaixo da média até março de 2018, o que mostra uma tendência de continuidade do La Nina de fraca intensida-

de (Figura 1).

As condições de temperatura na superfície do mar no

Gráfico 1 – Modelo do IRI mostrando a probabilidade (%) para a persistência do La Niña, por trimestre

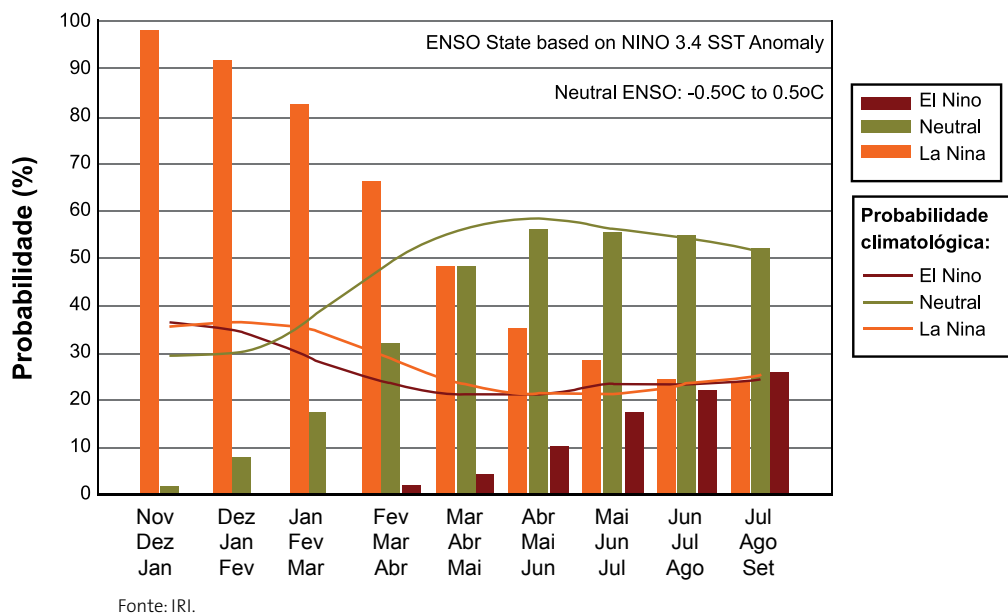


Figura 1 – Escala criada pelo Serviço Australiano de Meteorologia caracterizando o La Niña



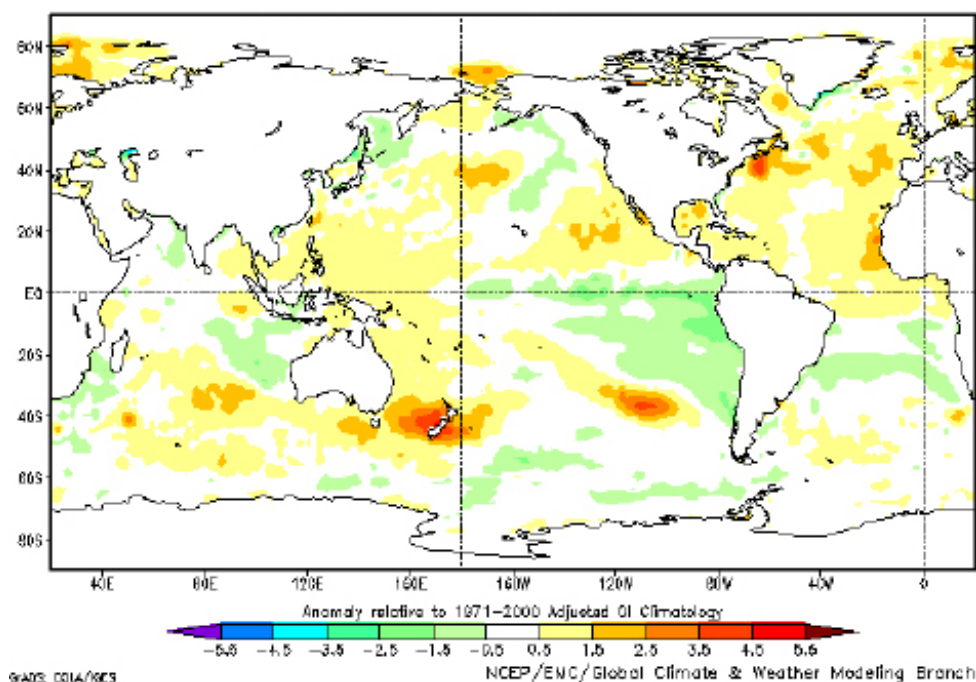
Oceano Pacífico Equatorial, mais frias do que a média, deve atingir o seu máximo de anomalias até janeiro de 2018.

No Oceano Atlântico, as anomalias de temperatura da água do Atlântico Sul, também estiveram negativas nos últimos meses, ficando abaixo da média

principalmente na costa da Região Sudeste do Brasil, enquanto no Atlântico Norte se observam anomalias positivas. Caso as duas condições se mantenham, poderá ocorrer uma condição chamada de dipolo positivo do Atlântico Tropical, o que é desfavorável às chuvas no norte das Regiões Norte e Nordeste (Figura 1). A tendência meteorológica média nas diversas regi-



Figura 2 – Anomalia da Temperatura da Superfície do Mar (C) - 3 a 9 de dezembro de 2017



ões do Brasil depende principalmente da configuração de três sistemas meteorológicos: Alta da Bolívia (Circulação dos Ventos em Altitude) que geralmente fica centralizada na Região Central do País (sul do Amazonas, Acre, Rondônia, Mato Grosso, Goiás e norte do Mato Grosso do Sul), ZCAS (Zona de Convergência do Atlântico Sul) e da ZCIT (Zona de Convergência Intertropical). Devido à influência do fenômeno La

Niña, a Alta da Bolívia deverá atuar na região central do Brasil, enquanto que a ZCAS estará provavelmente atuando com mais intensidade em Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo, Goiás e Mato Grosso, provocando chuva contínua, podendo causar inundações e enchentes, principalmente nas grandes cidades.

7.1. REGIÃO NORTE

A estação de verão no hemisfério sul é caracterizada por apresentar maior concentração de chuvas na Região Norte, aumentando gradativamente a intensidade e frequência com o decorrer dos meses, ocorrendo na forma de pancadas acompanhadas de trovoadas e rajadas de ventos, predominando, na maioria dos dias, tempo nublado a encoberto, com períodos alternados de parcialmente nublado. A variação das temperaturas mínimas, em média, oscilará em torno de 19 °C a 24 °C, enquanto que as máximas estarão variando de 28 °C a 33 °C. A ZCIT, Alta da Bolívia, Instabilidades e

Agglomerados Convectivos, são os sistemas meteorológicos que atuam no período.

A distribuição das chuvas apresentará irregularidades espacial e temporal na maior parte da região. Em Rondônia, os índices variam entre 240 a 350 mm. Considerando a influência do La Niña no regime pluviométrico da região e, conforme análise de modelos de prognósticos, há uma indicação com tendência de índices acima da média para todo o estado de Rondônia.

7.2. REGIÃO NORDESTE

Esta estação se caracteriza pelo início da quadra chuvosa no setor norte, com média mensal climatológica oscilando entre 30 e 360 mm (Semiárido) e continuidade das chuvas no setor Sul, onde os valores médios variam entre 50 e 210 mm. Devido à persistência do fenômeno La Niña, de fraca intensidade, existe a perspectiva de chuvas em torno da normal climatológica

na Bahia, principalmente no oeste do estado embora as temperaturas do Atlântico não esteja favorável. Outra característica são as elevadas temperaturas, onde as máximas poderão ficar acima de 35 °C, ocorrendo em algumas localidades valores próximos a 40 °C e as mínimas entre 20 e 25 °C, visto que algumas áreas, principalmente na Bahia, poderão ocorrer míni-



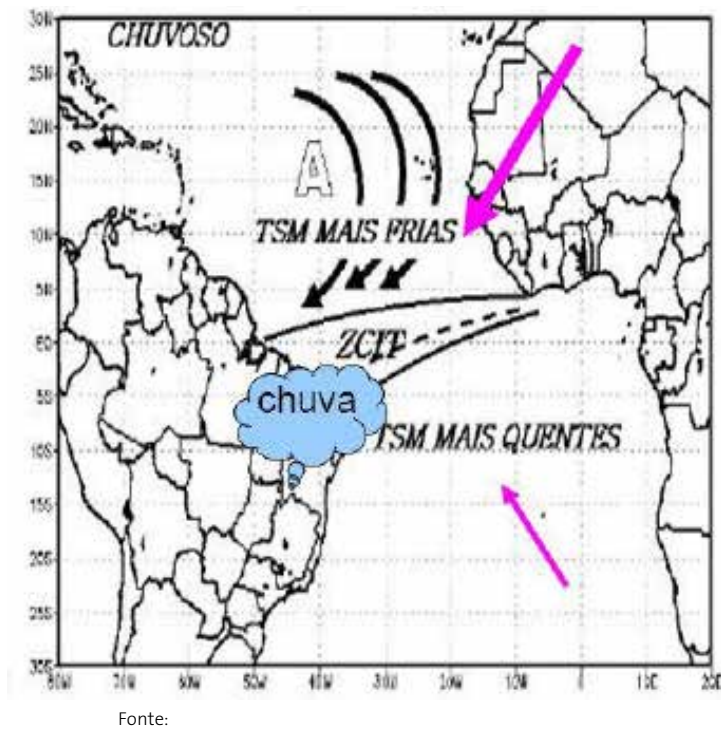
mas em torno de 18 °C.

Os sistemas meteorológicos responsáveis pelas chuvas nesta estação são: Zona de Convergência Inter-tropical (ZCIT), responsável pela maioria das chuvas no setor norte do Nordeste; Zona de Convergência do Atlântico Sul (ZCAS), Frentes Frias (FF), Alta da Bolívia (AB) e Vórtices Ciclônicos de Alto Níveis (VCAN).

Além do fenômeno La Niña, a chuva no norte da Região Nordeste depende do dipolo do Atlântico negativo (Fig.3), que para ter chuvas regulares deve ter ano-

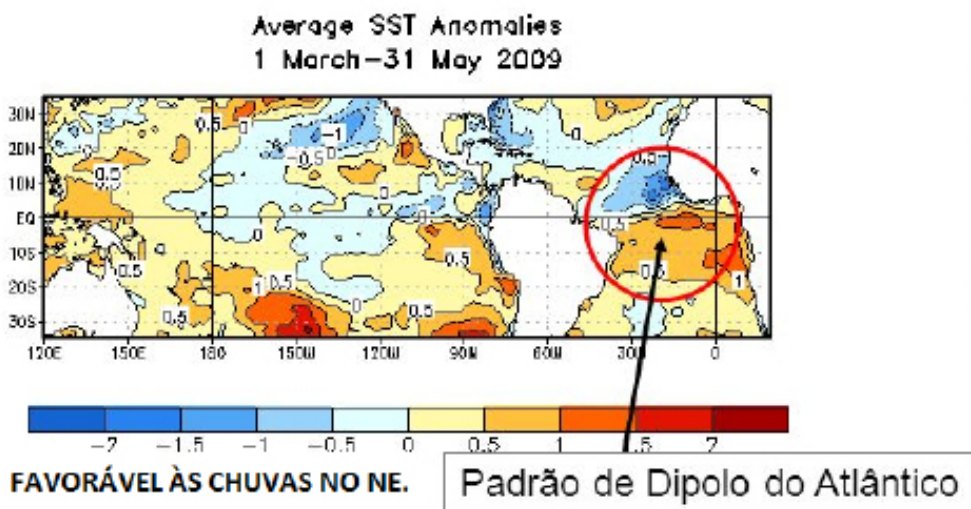
malias de águas mais frias mais ao norte e anomalias de águas mais quentes ao sul, esse padrão ocorreu no ano de 2009 (Fig. 4), onde tivemos boas chuvas no norte do Nordeste. Atualmente as condições das temperaturas do Atlântico estão desfavoráveis para a ocorrência de chuvas, pois o Atlântico Tropical Norte está mais aquecido que o Atlântico Tropical Sul. Só o fenômeno La Niña no Pacífico equatorial não dá uma indicação de boas chuvas, é preciso que o oceano Atlântico tropical esteja favorável também, ou seja, apresente um dipolo negativo (Figura 3).

Figura 3 – Dipolo do Atlântico negativo (favorável às chuvas)



Fonte:

Figura 4 – Dipolo de Atlântico favorável às chuvas no norte do NE (2009)



Fonte:



7.3. REGIÃO CENTRO-OESTE

No início deste período, as condições normais se apresentam com características idênticas ao final da primavera, com ocorrência de chuvas em forma de pancadas, descargas elétricas, vento com intensidade moderada à forte e possível queda de granizo em toda a região. Com o decorrer do período, essas condições deverão se modificar, isso é, com chuva mais contínua e com queda de temperatura devido à influência da umidade que vem da Amazônia, como também, a presença de aglomerado de nuvens formado não só pela convecção, como também, pela a influência da Alta da Bolívia na região. Os índices normais de precipitação, em média, nesse período, variam entre 150 mm a 300 mm por mês, com máximos podendo atingir cerca de

400 mm na região. Janeiro, destaca-se com os maiores índices de chuva ocorridos na região, isso é, com 220 mm no Mato Grosso do Sul; 300 mm no Mato Grosso; 290 mm em Goiás e em torno de 240 mm no Distrito Federal. Os menores índices podem ocorrer em março, com variação entre 150 mm a 200 mm, no Mato Grosso do Sul, Goiás e no Distrito Federal, com exceção do Mato Grosso que poderá chegar aos 280 mm.

Nesse período, a temperatura mínima, em média, em toda a região, varia entre 19 °C à 24 °C; mínima absoluta (extrema) em torno de 16 °C no Distrito Federal; máxima, em média, entre 27 °C à 31 °C; absoluta (extrema) em torno de 39 °C em Mato Grosso do Sul.

7.4. REGIÃO SUDESTE

O trimestre é marcado por chuvas intensas, acompanhadas de rajadas de ventos e, por vezes, com queda de granizo. Normalmente essas chuvas são moduladas com a passagem de frentes frias, que ainda influenciam o clima, principalmente na faixa leste da região. A massa de ar quente e úmida domina nesta época, contribuindo para a elevação das temperaturas e formação de áreas de instabilidade no período da tarde. Também, nessa época, a ZCAS se torna mais definida e frequente, intensificando as chuvas durante todo o verão. A ocorrência desse sistema pode deixar o tempo chuvoso por cinco ou mais dias.

Na capital de São Paulo, os totais de chuvas mensais esperados para este trimestre deverão oscilar de 173 a 249 mm, as temperaturas médias das máximas podem oscilar de 27 a 28 °C e mínimas oscilam de 18 a 19 °C. Para o interior de São Paulo, os totais mensais oscilam de 130 a 290 mm, as máximas oscilarão de 27 a 31 °C, as mínimas de 20 a 21 °C. Para o litoral, os totais mensais oscilam de 300 a 370 mm, as máximas de 29 a 30 °C e as mínimas de 20 a 21 °C. Para a região Serrana, as chuvas oscilam de 194 a 300 mm por mês, as máximas oscilam de 22 a 23 °C e as mínimas oscilarão de 12 a 13 °C.

Para todo o estado de Minas Gerais, a média climatológica dos totais mensais de chuva variam de 70 mm a 310 mm. As temperaturas médias mínimas e máximas variam de 16 °C a 18 °C e 32 °C a 34 °C, respectivamente. Ressalte-se que em meados de janeiro e durante fevereiro, a ocorrência de veranico, princi-

palmente no centro-norte e leste de Minas Gerais, tem sido comum. Veranico, nesse caso, corresponde a períodos de dias consecutivos sem chuva, durante a estação chuvosa, ocasião na qual as temperaturas máximas se elevam muito.

Em Belo Horizonte, durante essa estação, os índices pluviométricos mensais variam de 164 a 300 mm e um total de dias de chuva na ordem de 42 dias.

As temperaturas médias mínimas e máximas variam entre 18 a 20 °C e 27 a 29 °C, respectivamente.

Nas regiões serranas de Minas Gerais, as temperaturas médias, mínimas e máximas normais variam de 16 °C a 18 °C e 26 °C a 29 °C, respectivamente.

Os índices pluviométricos variam para a capital e litoral do Rio de Janeiro os totais mensais variam de 100 mm a 280 mm, visto que os maiores índices se concentram no litoral, nas regiões serranas de 150 mm a 200 mm e no interior do estado de 100 mm a 230 mm mensais.

No verão, geralmente temos a ocorrência de chuvas frequentes sobre o norte de São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro, onde os totais podem superar os valores médios. Baseando-se no modelo de previsão climática do Inmet, serão irregulares com grande variação espacial e temporal <http://www.inmet.gov.br>

7.5. REGIÃO SUL

Uma das características marcantes da influência do La Niña na Região Sul é a má distribuição e irregularidade da precipitação (chuva). Portanto, para este

verão devemos esperar chuvas irregulares e mal distribuídas, como já vem sendo observado nos últimos meses, em toda a região. Com isso, podem ocorrer pre-



precipitações de forte intensidade em períodos curtos de tempo intercalando com períodos de vários dias sem precipitação, agravado pelo fato de a evaporação e evapotranspiração serem maiores nos meses de verão, o que pode acarretar problemas para a agricultura.

A atual situação de TSM do Pacífico Equatorial aponta para a permanência de evento La Niña de intensidade fraca para o verão. No Atlântico Subtropical, a combinação de anomalias positivas na costa do Rio Grande do Sul e Uruguai, com anomalia negativa na costa da região sudeste é um dos principais indicadores da formação de ZCAS (Zona de Convergência do Atlântico Sul) a qual está associada à redução de umidade em quase toda a Região Sul. Essas variações da umidade atmosférica, juntamente com a presença de evento La Nina, devem influenciar na redução dos padrões de chuva. A redução das chuvas neste último mês, juntamente com o aumento da evaporação, confirma a possibilidade de deficit hídrico no verão. Frente a essa situação, alerta-se para, dentro do possível, maiores cuidados com as reservas hídricas.

As chuvas, na maioria das vezes, devem ser ocasionadas por instabilidades na atmosfera, favorecidas pelo forte aquecimento diurno, resultando em pancadas de chuvas no período da tarde. Normalmente essas pancadas de chuvas são acompanhadas de trovoadas e eventualmente queda de granizo.

A previsão climática para o verão no Paraná indica que: (1) o regime das chuvas no Paraná ao longo do trimestre janeiro-fevereiro-março de 2018 estará próximo a ligeiramente abaixo da normal climatológica nas regiões oeste, norte e noroeste do estado. Nos demais setores, as chuvas estarão próximas da média climatológica. Contudo, as pancadas de chuva ocorrerão de forma irregular, tanto no tempo (eventos de curta duração) quanto na distribuição espacial (eventos em pontos isolados). Com isso, no decorrer da estação do verão de 2018 deverá ser observado dias consecutivos sem chuva em diversos pontos do estado. Não se descarta a ocorrência de chuvas fortes acompanhadas de incidência de raios e rajadas de vento fortes; (2) a tendência das temperaturas para o trimestre janeiro-fevereiro-março de 2018 é que elas fiquem próximas da normal climatológica, porém com grandes variações extremas principalmente na temperatura máxima.

Já as temperaturas, segundo o modelo de previsão climática do Inmet - <http://www.inmet.gov.br>, tendem a ficar acima do padrão normal. Em anos de La Niña, normalmente a tendência é dos extremos de temperatura se acentuarem. As temperaturas médias mínimas que variam entre 12 °C no Planalto Sul de Santa Catarina, 21 °C no Oeste Catarinense e entre as médias máximas que variam entre 22 °C, na região Serrana de Santa Catarina e 32 °C no Oeste do Paraná devem ficar muito próximas a esses valores.





8. MONITORAMENTO AGRÍCOLA

O monitoramento agrícola do café tem por objetivo contribuir com o fortalecimento da capacidade de produzir e divulgar previsões relevantes, oportunas e precisas da produção agrícola nacional. Esse monitoramento é feito a partir do mapeamento das áreas de cultivo, que auxilia na quantificação da área plantada, no acompanhamento da dinâmica do uso do solo e na análise das condições meteorológicas, desde o início do florescimento até a conclusão da colheita. A condição para o desenvolvimento das lavouras, considerando a sua localização (mapeamentos) e as fases predominantes, são analisadas no monitoramento agrometeorológico e apresentadas no capítulo da avaliação por estado.



7.1. MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO











No monitoramento agrometeorológico, dentre os parâmetros observados, destacam-se: a precipitação acumulada e a temperatura mínima média* (decenal e mensal) e o desvio da precipitação e da temperatura máxima com relação à média histórica (anomalia). Para os principais estados produtores foi elaborada uma tabela que apresenta o resultado do monitoramento por mês, de acordo com a fase fenológica predominante. A condição pode ser:

- Favorável: quando a precipitação e a temperatura são adequadas para a fase do desenvolvimento da cultura ou houver, apenas, problemas pontuais;
- Baixa restrição: quando houver problemas pontuais de média e alta intensidade por falta ou

excesso de chuvas e/ou por baixas temperaturas (geadas) ou altas temperaturas;

- Média restrição: quando houver problemas generalizados de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas e/ou por baixas temperaturas (geadas) ou altas temperaturas;
- Alta restrição: quando houver problemas crônicos ou extremos de média e alta intensidade por falta ou excesso de precipitações e/ou por baixas temperaturas (geadas) ou altas temperaturas, que podem causar impactos significativos na produção.

Cores que representam as diferentes condições nas tabelas:

 Favorável	 Média restrição falta de chuva	 Baixa restrição excesso de chuva	 Alta restrição excesso de chuva	 Média restrição temperaturas baixas
 Baixa restrição falta de chuva	 Alta restrição falta de chuva	 Média restrição excesso de chuva	 Baixa restrição temperaturas baixas	 Alta restrição temperaturas baixas

Nas figuras abaixo, verificam-se os dados utilizados no monitoramento da safra 2017, no período de agosto de 2017 - época de início da floração - a dezembro de 2017 – quando os chumbinhos já estão formados e

os frutos encontram-se em expansão.

* Meses com maior probabilidade de ocorrências de geadas – junho e julho

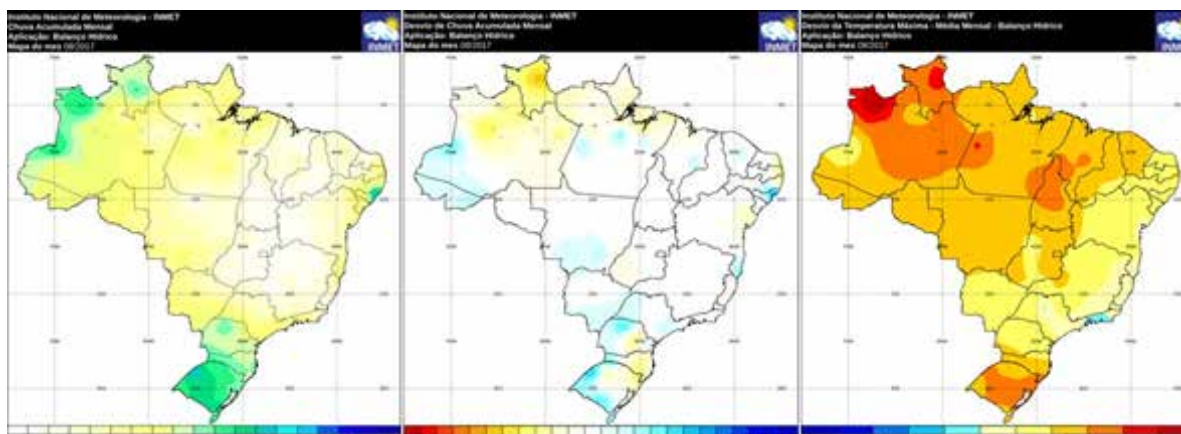
Figura 1 - Precipitação decenal, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em agosto de 2017



Precipitação Total

Anomalia da Precipitação

Anomalia da Temperatura Máxima



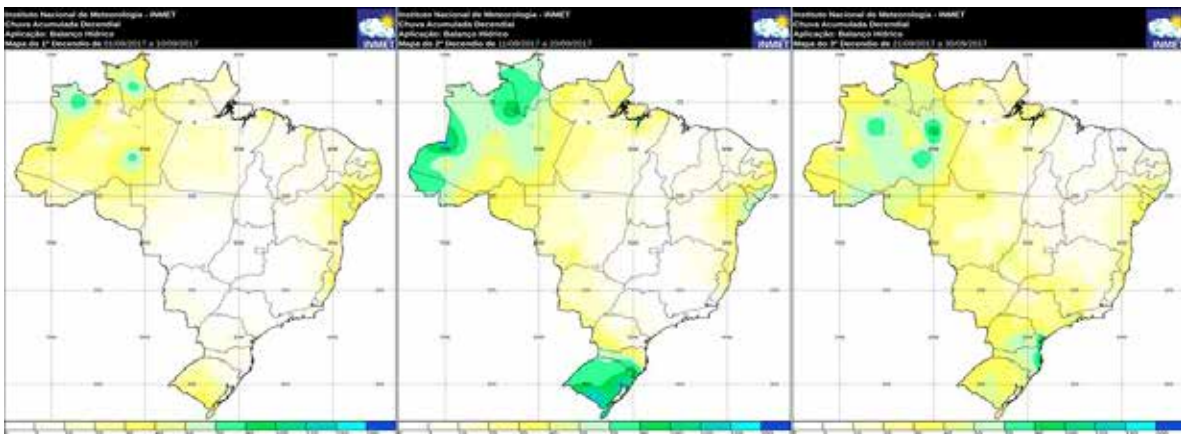
Fonte: Inmet.

Figura 2 - Precipitação decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em setembro de 2017

Precipitação de 01 a 10/09/2017

Precipitação de 11 a 20/09/2017

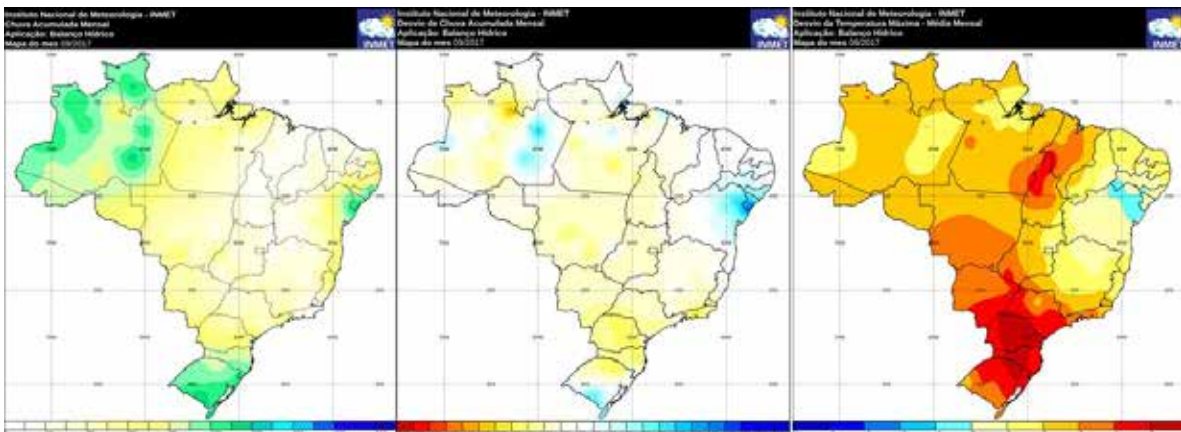
Precipitação de 21 a 31/09/2017



Precipitação Total

Anomalia da Precipitação

Anomalia da Temperatura Máxima Média



Fonte: Inmet.



Figura 3 - Precipitação decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em outubro de 2017

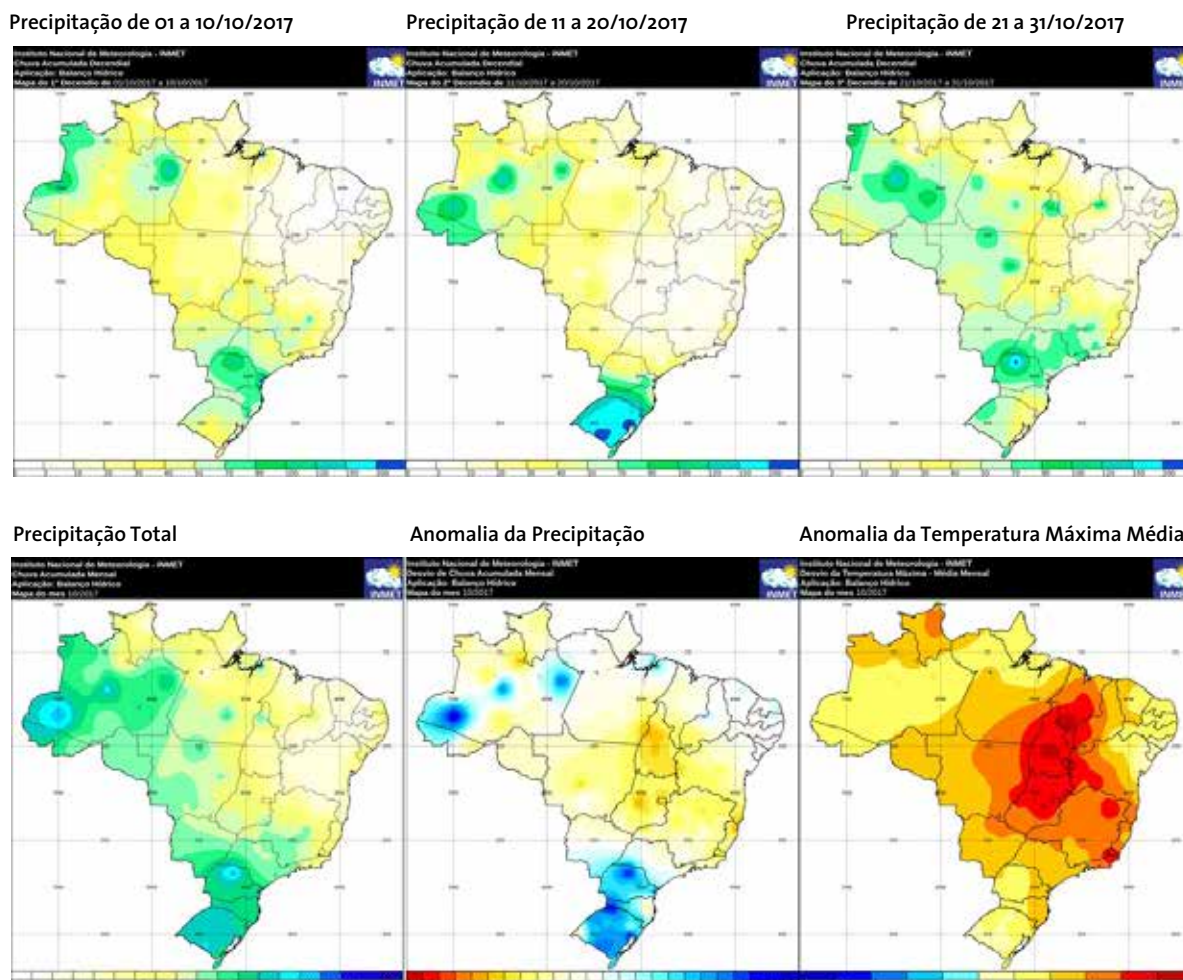


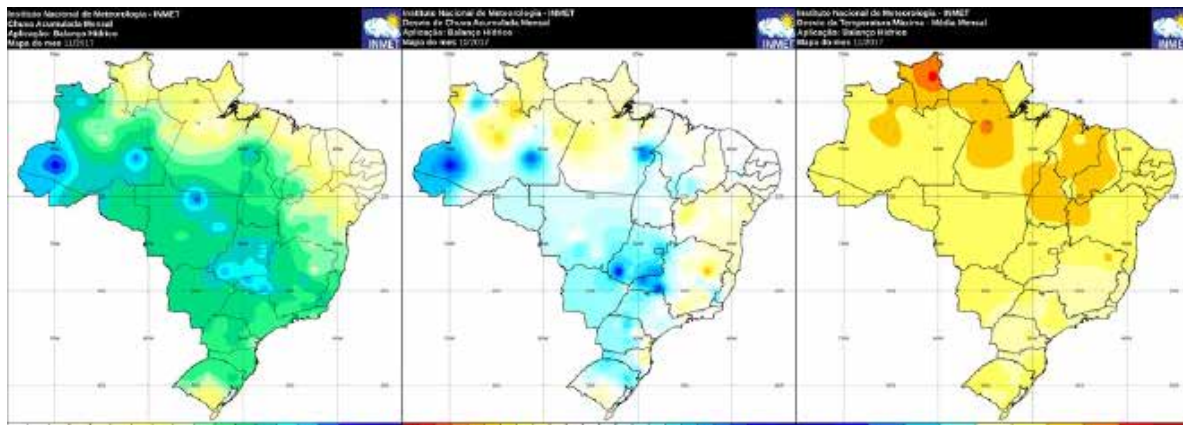
Figura 4 - Precipitação decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em novembro de 2017



Precipitação Total

Anomalia da Precipitação

Anomalia da Temperatura Máxima Média



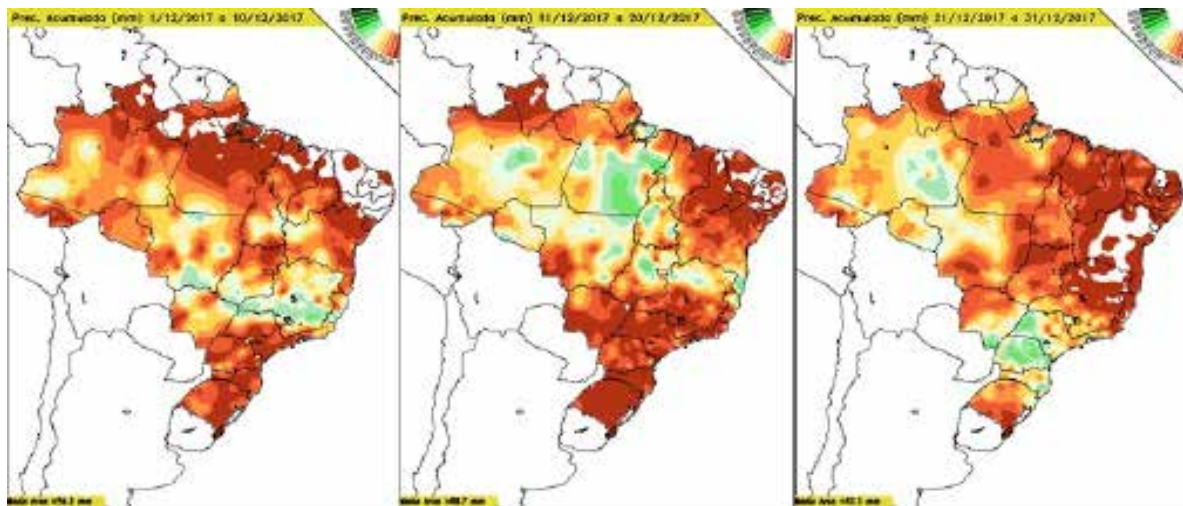
Fonte: Inmet.

Figura 5 - Precipitação decenal, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em dezembro de 2017

Precipitação de 01 a 10/12/2017

Precipitação de 11 a 20/12/2017

Precipitação de 21 a 31/12/2017

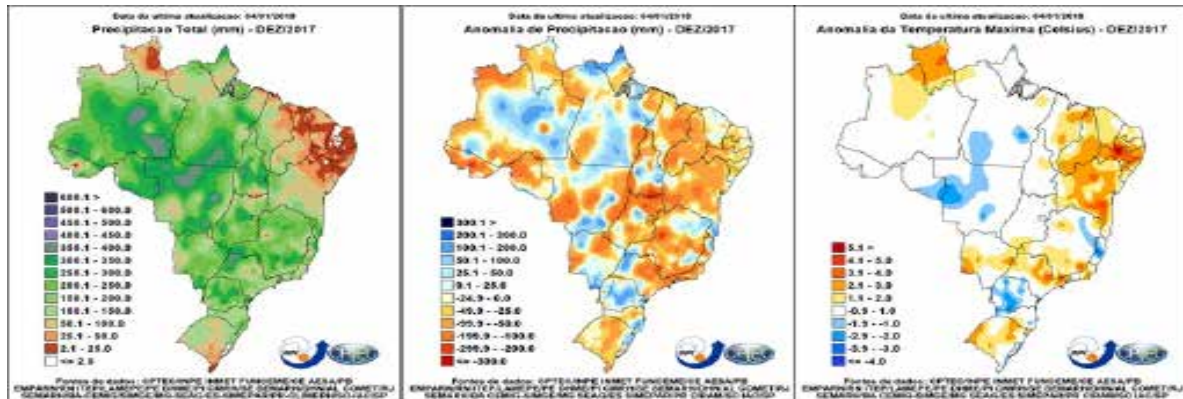


Fonte: Inmet.

Precipitação Total

Anomalia da Precipitação

Anomalia da Temperatura Máxima Média



Fonte: INPE/CPTEC





9. AVALIAÇÃO POR ESTADO

9.1. MINAS GERAIS

9.1.1. CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

O período compreendido entre julho e setembro foi caracterizado por prolongada estiagem em Minas Gerais, aumentando significativamente a desfolha dos cafezais nas regiões mais baixas e quentes. As chuvas tiveram início no final de setembro e, embora irregulares, foram suficientes para induzir a uma florada de alta intensidade em outubro. Após a florada houve descontinuidade das chuvas, grande elevação das temperaturas e altas amplitudes térmicas, e essas condições se mantiveram até metade de novembro, quando o período chuvoso se firmou e as precipitações passaram a ocorrer com maior volume e regularidade. A florada de novembro foi considerada excelente e foi favorecida pelas condições de alta pluviosidade, motivando a retomada e intensificação dos tratamentos culturais. Entretanto, informações preliminares apontam para possíveis problemas no pegamento dos frutos devido à desfolha acentuada nas lavouras mais atingidas pela baixa umidade decorrente do atraso das chuvas, principalmente naquelas localizadas em regiões mais baixas e quentes, onde o déficit hídrico acumulado em 2017 é superior à média histórica. Os impactos dessas condições, sobre a produção de café na safra atual, serão apurados no próximo levantamento, quando estará encerrado o período chuvoso e concluída a fase de granação.

9.1.2. ESTIMATIVAS DE PRODUÇÃO

A produção de Minas Gerais está estimada entre 29,1 e 30,6 milhões de sacas de café na safra 2018, aumento de 19 a 25,3% em relação à safra passada. A produtividade média do estado deverá estar entre 28,15 e 29,64 scs/ha. Em comparação com a safra anterior, a estimativa sinaliza um incremento de 5,4% na área em produção, saindo dos 980.762 hectares da safra colhida em 2017 para os atuais 1.033.636 hectares da safra 2018, incremento de 52,9 mil hectares na área em produção. As lavouras esqueletadas, na safra agrícola de 2016, vêm se desenvolvendo muito bem na presente safra, e apenas as lavouras que apresentaram carga mais alta em 2017 se mostraram mais sentidas e chegaram a apresentar um índice maior de desfolha.

A expectativa de crescimento na produção foi potencializada pela inversão da bialidade nas regiões da Zona da Mata e Serra da Mantiqueira, provocada pelas intempéries ocorridas nos anos anteriores.

A produção para a região do Sul de Minas está estimada no intervalo entre em 15,6 e 16,4 milhões de sacas, apresentando um incremento de 13,7 a 19,7%, quando comparada à safra 2017. Esse aumento foi maior devido à inversão da bialidade em alguns locais do Sul de Minas como na Serra da Mantiqueira e no Centro-Oeste. Houve aumento da área em produção nesta safra em torno de 9,5%, cerca de 47 mil hectares quando comparada com a safra 2017, em razão do aumento do plantio e dos diversos tipos de podas dos cafezais. A produtividade média estimada para a região é de 28,62 a 30,14 scs/ha, aumento entre 3,8 e 9,3% quando comparada com a safra 2017.

Analisando a produção da região nos últimos dez anos, verifica-se que a variação entre as safras altas e baixas vem diminuindo de amplitude. Esse comportamento pode ser debitado a mudanças no manejo das lavouras, com adoção de podas que não eram utilizadas e também porque, devido principalmente às questões climáticas desfavoráveis, as safras positivas ficavam aquém do potencial produtivo da região, sem sobrecarga fisiológica das lavouras.

A primeira estimativa de produção de café na região do Cerrado Mineiro para a safra 2018 fica no intervalo entre 5,9 e 6,2 milhões de sacas, o que representa um aumento variando de 60,6 a 69,1% comparativamente à safra anterior. A produtividade média deverá apresentar um incremento entre 53 e 61,1%, passando de 21,54 scs/ha em 2017, para 32,96 a 34,7 scs/ha em 2018. A área de café em produção teve um acréscimo de 4,9% em relação à safra passada, resultante da incorporação de novas áreas que se encontravam em formação e renovação, saindo de 169.867 hectares

para os atuais 178.228 hectares.

O aumento estimado para a produção de café na safra 2018 se deve ao incremento da área em produção e ao ganho de produtividade, decorrente do ciclo bial da cultura que, embora venha sendo atenuado nas últimas safras, é de alta produção na região. Cabe destacar, que houve um aumento da área plantada de café na região, decorrente de novos plantios realizados, principalmente no período em que os preços do café no mercado estiveram elevados. Os produtores da região vêm adotando novas medidas no sentido de minimizar os custos para a manutenção das lavouras, como renovação de lavouras depauperadas, adoção de diferentes tipos de podas, especialmente “esqueletamentos”, entre outras. Algumas consequências negativas foram mais severas na região do cerrado, principalmente em relação às altas temperaturas, com relatos de temperaturas entre 38 a 40 °C em municípios do Noroeste Mineiro e grandes amplitudes térmicas e a intensificação do ataque de bicho-mineiro, ácaro vermelho e ferrugem (estes dois últimos principalmente nos municípios de Carmo do Paranaíba e Patrocínio).

As condições climáticas para a safra 2018, apesar de registros de irregularidade na distribuição das chuvas, situação que se normalizou na segunda quinzena de novembro tem se mostrado bastante favoráveis para as lavouras e desenvolvimento dos frutos. As florações foram boas, com bom índice de pegamento dos “chumbinhos”. A situação da cafeicultura na região do cerrado para a safra 2018, apesar das dificuldades do mercado atual, ainda reflete os expressivos investimentos realizados nas lavouras no período em que as cotações do café estiveram em alta.

Na Zona da Mata, a produção de café está estimada para a safra 2018 entre 6,9 e 7,3 milhões de sacas, o que representa um aumento de 6,6 a 12,2%, comparativamente à safra anterior, quando atingiu 6,5 milhões de sacas. A área em produção para a região está estimada em 278.846 hectares, decréscimo de 1,1% em relação à safra passada. A produtividade média estimada é entre 24,77 e 26,08 scs/ha, superior em 7,7 a 13,4% à produtividade estimada na safra 2017, que foi de 22,99 scs/ha. Tal expectativa de aumento da produção se deve à inversão da bialidade das lavouras para a próxima safra em razão das adversidades climáticas ocorridas ao longo do ciclo produtivo dos cafezais, que concorreram para uma redução significativa da produtividade na safra 2017.

Ressaltamos que, apesar da quebra na produção, a safra 2017 foi considerada como safra de bialidade



alta ou positiva, por ter sido maior que a safra 2016, em condição inversa às demais regiões produtoras de café do estado. Dessa forma, e a partir de um desgaste menor dos cafeeiros em razão da quebra da produção na atual safra, dos bons tratos culturais recebidos e das boas floradas ocorridas, estima-se ganhos de produção para a safra 2018, justificados pela recente inversão da bialidade, caso as condições climáticas se mantenham favoráveis.

Nas Regiões Norte de Minas, Jequitinhonha e Mucuri, a produção estimada para a região deverá ser de 758,2 a 798,4 mil sacas de café, superior em 22 a 28,4%, quando comparada às 621,7 mil sacas da sa-

fra colhida em 2017. A produtividade média esperada fica entre 22,89 e 24,11 scs/ha. Salientamos que essas regiões possuem 125 municípios produtores de café, perfazendo uma área de produção de 33.118 hectares, com produtividade média variando entre 9 e 60 scs/ha. Cerca de 40% da área cultivada nessas regiões se referem a lavouras conduzidas com baixo nível tecnológico, com pouca ou nenhuma utilização de insumos, localizadas fora da área de zoneamento agrícola do café e sem acesso aos benefícios do crédito e pesquisa. Em contrapartida, as áreas restantes se caracterizam por lavouras de elevado nível tecnológico, irrigadas e bem conduzidas, apresentando produtividade média elevada.

9.1.3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espera-se para a safra atual uma produção superior entre 19 e 25,3% à safra anterior. A bialidade positiva e as boas floradas ocorridas em outubro e novembro, acompanhadas da regularização do período chuvoso e da baixa carga produtiva na safra 2017, levam a uma expectativa de alta produção. Todavia, existe certa preocupação acerca do deficit hídrico observado entre julho e novembro, causador de desfolha nas lavouras, sobretudo nas regiões de baixa altitude. Além disso, produtores temem que condições desfavoráveis como frio intenso (mais de 40 dias entre junho e julho), aumento da incidência de broca e alta amplitude térmica possam gerar impactos no desempenho produtivo das lavouras em produção.

A repetição da restrição hídrica, safra após safra, difi-

culta ainda os trabalhos de pulverização e o adequado controle fitossanitário dos cafezais, concorrendo para o aparecimento de pragas e doenças. Tal condição vem prejudicando o pleno desenvolvimento vegetativo das lavouras, impedindo, dessa forma, o alcance do seu potencial produtivo máximo

Entretanto, de maneira geral, as lavouras vêm respondendo bem à retomada das chuvas em novembro, apresentando boa recuperação, com intenso processo de enfolhamento. Na ocasião do levantamento, os cafeicultores já haviam iniciado os tratos culturais e controles fitossanitários recomendados, apesar de um ligeiro atraso provocado pela irregularidade das chuvas.

Quadro 1 – Monitoramento agrometeorológico: análise de parte do período vegetativo e de todo o período reprodutivo da safra 2017, com os possíveis impactos de acordo com as fases* do café em Minas Gerais

Minas Gerais															
Ano		2018													
Meses		Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out
Fases*	Sul de Minas (Sul e Centro-Oeste)	F	F	F/CH	EF	GF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C	C
	Cerrado Mineiro (Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste)	F	F	F/CH	CH/EF	EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C	C
	Zona da Mata, Rio Doce e Central	F	F	F/CH	CH/EF	EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C	C
	Norte, Jequitinhonha e Mucuri	F	F	F/CH	CH/EF	EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C	C

* (PV)=período vegetativo; (R)=repouso; (F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita

** nas lavouras localizadas na região do Rio Doce houve restrição por falta de chuvas e altas temperaturas.

*** houve restrições por excesso de chuva no primeiro decêndio do mês.

Favorável
 Baixa restrição falta de chuva
 Média restrição falta de chuva
 Baixa restrição geadas



9.2. ESPÍRITO SANTO

Para primeira estimativa de safra de café a produção de 2018 poderá ficar entre 11,6 e 13,3 milhões de sacas, sendo o arábica de 3,9 a 4,7 milhões de sacas e o conilon de 7,7 a 8,7 milhões de sacas, representando, 33,9% e 66,1% da produção total, respectivamente. Tal resultado representa um aumento, em média, de 40,5% na produção em relação à safra anterior, de 8,9 milhões de sacas.

Esse aumento poderá ocorrer principalmente devido às condições climáticas favoráveis atravessadas pelas lavouras de café e ainda pela bialidade positiva já esperada para o café arábica, que em 2017 teve safra baixa.

O primeiro prognóstico feito para a colheita de 2018

se mostra, como esperado, muito dependente de muitos fatores como chuva e temperaturas amenas, pontos não controlados pelos agricultores. Isso porque tanto as lavouras de café arábica quanto as de conilon tiveram uma recuperação com as precipitações que ocorreram entre maio e novembro, resultando em uma ótima florada e em plantas com boa saúde. Entretanto, para que não aconteça o que houve em 2016, com muitos grãos à época da colheita, mas com péssimo rendimento no beneficiamento, há a necessidade de chuvas no período de enchimento de grãos.

Vale ressaltar que na área de café conilon, que é quase totalmente irrigada, não ocorreram chuvas suficientes para repor o volume de água das barragens, rios e demais fontes hídricas que alimentam essa prática.

9.2.1. CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

Café conilon

Graças ao aumento da pluviosidade em 2017, as lavouras conseguiram recuperar as folhas, crescer os ramos e melhorar sua saúde geral. As chuvas favorecem também a adubação das lavouras, visto que a maioria dos agricultores não têm água para irrigar e, assim adubar, dependendo então das chuvas para fazê-lo.

As informações de precipitação, mostram um nível de chuvas maior que a média histórica entre maio e julho e, logo depois, uma estiagem em agosto. Esses acontecimentos favoreceram a ocorrência de uma florada mais uniforme em quase todo o conilon do estado, o que pode gerar uma quantidade de grãos por pé muito satisfatória. Porém, não choveu o suficiente para encher as barragens, córregos, lagos e rios.

Café Arábica

As condições climáticas, atravessadas pelo café arábica para a próxima produção, foram melhores que as que influenciaram a colheita de 2017, com precipitações suficientes para um bom preparo da florada principal em outubro, estiagem durante a florada e chuva após a florada, que favorece seu pegamento.

Outro fator climático relevante foi a diminuição da temperatura média este ano, que diminui a evapotranspiração das plantas, fazendo as chuvas serem mais aproveitadas por elas.

9.2.2. CONDIÇÕES DA CULTURA

Café conilon

A safra de café conilon deverá ser de 7,7 a 8,7 milhões de sacas, sendo então entre 29,5 e 46,3% superior à anterior (5,9 milhões de sacas), obtida numa área de aproximadamente 231.323 hectares, com uma população de 517.126 mil pés de café.

Os estádios fenológicos vistos nas lavouras de café conilon atualmente são de final da florada (5%), pós florada (10%) e chumbinho (85%).

A florada para a produção de 2018 foi muito boa, mostrando que o primeiro passo para alcançar boas pro-

duções foi alcançado. Um fator determinante para a quantidade de flores observadas, além da boa saúde das plantas graças às chuvas que vieram no outono e inverno, foi a estiagem de agosto que promoveu um estresse hídrico que, com o retorno das chuvas em setembro, estimularam uma florada bem uniforme na maioria das regiões.

Mesmo que supere a última safra, a safra 2018 ainda deverá ser menor que o potencial das lavouras. Isso, devido às áreas perdidas com a falta de água e que ainda não foram replantadas ou já foram, mas ainda



não produzirão; também em razão da seca atravessada pelo estado nos últimos anos, que gerou grande estresse nas plantas; a descapitalização de grande parte dos produtores que, por ter que renegociar suas dívidas com os bancos, não poderão pegar recursos para investir em fertilização; e ainda, uma dependência total das chuvas de dezembro a fevereiro, que são cruciais para promover o enchimento dos grãos, visto que a maioria das propriedades não tem água nos reservatórios para irrigar em caso de um prolongado veranico.

Café Arábica

A produção de café arábica deverá ficar entre 3,9 e 4,7 milhões de sacas, superior entre 32,9 e 58,6% em relação à safra passada (3 milhões de sacas), e será colhida em uma área de 156.603 hectares, com uma produtividade média de 27,46 scs/ha.

Para essa variedade de café há a ocorrência de um fenômeno bem conhecido por seus produtores, a bienalidade. Esse evento é caracterizado pelo revezamento anual de produtividades altas e baixas. De modo geral, a planta direciona a maior parte das reservas energéticas para o crescimento dos frutos, reduzindo o crescimento dos ramos plagiotrópicos e fazendo com que a produção no ano seguinte seja baixa. Com a baixa produção de 2017, já seria esperado um aumento de safra para 2018 em virtude da bienalidade positiva.

Os estádios fenológicos vistos nas lavouras de arábica atualmente são de final da florada (20%), pós florada (10%) e chumbinho (70%).

A florada dessa variedade foi relatada como excelente. O pegamento dessa florada e o surgimento dos chumbinhos também estão muito bons.

9.2.3. COMERCIALIZAÇÃO E OUTROS COMENTÁRIOS

Café conilon

O Espírito Santo apresenta peculiaridades quanto à comercialização e armazenagem de café.

Em sua grande maioria, o café produzido vem de pequenos agricultores, visto que, mesmo sendo tão pequeno em território, comporta cerca de 40 mil propriedades rurais. Sendo assim, de modo geral, os produtores são muito eficientes em produzir café, porém, ainda não dominam a comercialização do produto e isso é demonstrado pelo fato da venda do café pelos produtores só ocorrer normalmente em algumas ocasiões inerentes ao mercado como: pagamento de custo e dívidas contraídas para produção do café; ma-

nutenção de máquinas e equipamentos utilizados na produção e; fazer compra de mantimentos para o dia a dia da família, ou seja, mesmo que o café atinja altas cotações, que compensariam a venda, o produtor só venderá se precisar adquirir algo.

Café arábica

A comercialização do café arábica segue a mesma dinâmica do conilon, sendo vendido em momentos de necessidade do produtor por dinheiro em espécie, para pagamento de dívida ou aquisição de equipamentos ou insumos para lavou ou para si.

Quadro 2 – Monitoramento agrometeorológico: análise de parte do período vegetativo e de todo o período reprodutivo da safra 2017, com os possíveis impactos de acordo com as fases* do café conilon no Espírito Santo

Espírito Santo														
Ano	2017				2018									
Meses	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out
Fases*	F	F/CH	F/CH/EF	CH/EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C	C	C

* (PV)=período vegetativo; (R)=repouso; (F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita

** maior concentração na região norte.

 Favorável	 Baixa restrição falta de chuva	 Média restrição falta de chuva	 Baixa restrição geadas
---	--	--	--



Quadro 3 – Monitoramento agrometeorológico: análise de parte do período vegetativo e de todo o período reprodutivo da safra 2017, com os possíveis impactos de acordo com as fases* do café arábica no Espírito Santo

Espírito Santo														
Ano	2018													
Meses	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out
Fases*	F	F/CH	F/CH/EF	CH/EF	GF	GF	GF	GF/M	M/C	C	C	C	C	C

* (PV)=período vegetativo; (R)=repouso; (F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita

** maior concentração na região sul.



9.3. SÃO PAULO

9.3.1. CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

As precipitações, que ocorreram a partir de outubro, foram satisfatórias para estimular a abertura das flores nas lavouras de café arábica na maior parte das regiões produtoras do estado. Essas chuvas eram bastante aguardadas pelos produtores, visto que as primeiras floradas, que ocorreram em agosto, foram

afetadas pelo clima seco em setembro.

Atualmente, as precipitações estão ocorrendo com mais frequência e estão bem distribuídas, contribuindo para uma boa umidade do solo.

9.3.2. FRUTIFICAÇÃO DO CAFEZAL

As condições climáticas, até o momento, estão muito favoráveis ao desenvolvimento dos frutos do cafeeiro. Porém, é relevante levar em consideração que após o período de floradas é muito importante que haja continuidade dessas chuvas, para que a planta não aborte os chumbinhos em razão da falta de umidade do solo.

mil sacas.

É importante ressaltar que os produtores da região de Franca são altamente tecnificados e, tradicionalmente, em safras de bialidades negativas, fazem uma poda radical em suas lavouras. Na safra anterior, que foi de bialidade negativa, a proporção de podas naquelas regiões alcançou aproximadamente 60% das lavouras. Essa, aliada ao ciclo de bialidade positiva, é uma das razões da forte recuperação dos cafeeiros, nesse importante centro produtivo.

A estimativa de produção é que fique no intervalo de 5,9 e 6,2 milhões de sacas, aumento de 32,7% a 39,5% em relação ao volume produzido na safra passada, que foi de 4,4 milhões de sacas.

A área ocupada com lavouras de café em território paulista soma 212.959 hectares cultivados, dos quais, 201.400 hectares em produção e 11.559 em formação. A área em produção deverá ter pequeno acréscimo (0,4%) em razão da entrada de pés novos que estavam em formação.

O levantamento aponta para uma forte recuperação na produtividade na safra atual, que está saindo de 21,99 scs/ha produzidas na safra anterior para 29,1 a 30,5 sacas por hectare, variação positiva de 32,7 a 39,5%.

A maior sinalização de recuperação vem da região de Franca, importante polo produtor do estado, que fechou a safra anterior com 19,1 scs/ha, aponta agora para 37 scs/ha na presente safra, acréscimo de 1.103,7

Figura 1 - Cafezal em Franca - SP.



Fonte: Conab.



Alguns fatores podem beneficiar a safra 2018, como a bienalidade, fenômeno evidenciado, principalmente, na produção de café arábica, que esse ano é de ciclo positivo.

As podas também exercem influência na produção. São Paulo praticou extensivas podas nas lavouras de café, na safra anterior (2017) e em consequência disso, esses pés de café estarão revigorados na presente safra, o que deverá trazer maior produtividade.

Em relação à Broca-do-café, o produtor está mais consciente do seu papel no controle dessa infestação e, dessa forma, os possíveis prejuízos na safra 2018 deverão ser menores em relação à safra anterior. Devido ao banimento do uso do principal defensivo químico, desde 2013 os cafeicultores estão vivendo um sério problema, pois segundo os produtores, outros inseticidas que atuam contra essa praga não apresentam a mesma eficiência, além de serem considerados de alto custo pelos produtores. Cooperativas e entes estaduais ligados à agricultura, têm elaborado cartilhas com orientações aos produtores de como melhor agir no combate à Broca-do-café. A situação, aos poucos, vem apresentando resultados positivos e, dessa for-

ma, o produtor espera ter um quadro mais estável e sob controle.

A queda dos frutos também é algo normal na cultura. A planta de café tem a característica de descartar parte dos frutos chumbinhos, que acontece por volta de 120 dias após a florada, por efeito de desequilíbrio nas reservas da planta, ocorrendo a queda dos frutos excedentes.

Figura 2 - Frutos de café em Espírito Santo do Pinhal - SP.



Fonte: Conab.

Quadro 4 – Monitoramento agrometeorológico: análise de parte do período vegetativo e de todo o período reprodutivo da safra 2017, com os possíveis impactos de acordo com as fases* do café em São Paulo

São Paulo													
Ano	2017				2018								
Meses	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Fases*	F	F/CH	CH/EF	EF	GF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C

* (PV)=período vegetativo; (R)=repouso; (F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

 Favorável	 Baixa restrição falta de chuva	 Média restrição falta de chuva	 Baixa restrição geadas
---	---	---	---

9.4. BAHIA

9.4.1. CARACTERIZAÇÃO DAS REGIÕES PRODUTORAS

O café conilon é cultivado na região denominada de Atlântico, se estendendo pelo Bioma Mata Atlântica localizado no sul do estado. Os cultivos foram iniciados na década de 80 por produtores vindos do Espírito Santo. O sucesso das lavouras é creditado à boa luminosidade, à topografia da região e ao clima favorável, com chuvas regulares. Em cerca de 30 anos de cultivo na região, as lavouras ocupam aproximadamente 47 mil hectares.

O café arábica é cultivado nas regiões denominadas Planalto e Cerrado. O Planalto é dividido em Planalto da Conquista, Chapada Diamantina e Brejões, se

estendendo pelo Bioma Mata Atlântica e Caatinga, pelo centro-sul e centro-norte do estado. Os cultivos apresentaram crescimento e importância econômica no desenvolvimento dos municípios produtores na década de 70. O sucesso das lavouras é atribuído ao bom regime pluvial e à altitude, produzindo-se cafés de qualidade. Em 2010, após 40 anos de crescimento, a área cultivada com café arábica atingiu 100 mil hectares.

O Cerrado se estende pelo Bioma Cerrado na fronteira agrícola no extremo-oeste da Bahia. Os cultivos foram iniciados na década de 90 e o sucesso das lavouras é



creditada à boa luminosidade, à topografia plana e ao cultivo exclusivamente irrigado. Em 2014, após cerca

de 20 anos de cultivo na região as lavouras ocuparam aproximadamente 16 mil hectares.

9.4.1. RESUMO DA PRODUÇÃO

A produção de café, para essa safra, está estimada no intervalo entre 4.031 e 4.221 mil sacas beneficiadas, sendo entre 1.737 e 1.821 mil sacas da espécie arábica e entre 2.294 e 2.400 mil sacas da espécie conilon. A área total cultivada (em produção e em formação) está estimada em 150.555 hectares.

Comparando a safra 2018 com a safra 2017, a área cultivada deverá ter redução de 2,6%, sendo a cultura

do café substituída pela lavoura de grãos, de fruteiras tropicais e pastagens. As estimativas mostram o crescimento entre 20,2 e 25,8% dos rendimentos e 20 e 25,7% da produção. Conforme as tabelas, esta elevação é atribuída à recuperação das lavouras de café arábica no Planalto e no Cerrado, após um ciclo de chuvas bem distribuídas na safra passada, recuperando fisiologicamente as plantas.

9.4.1. SITUAÇÕES CLIMÁTICAS

Atlântico

Houve oferta confortável de chuvas nos últimos 90 dias, coincidindo com as fases de florescimento e frutificação.

O clima está bastante favorável com bons índices pluviométricos. As chuvas continuaram regulares nas regiões produtoras, ocasionando uma recuperação sensível nas lavouras, com crescimento de ramos ortotrópicos e plagiotrópicos. Houve boa floração, boa fecundação e observa-se cachos cheios, com bom desenvolvimento de frutos em quantidade e tamanho.

Cerrado

Na Região do Cerrado as chuvas iniciaram no final de outubro, havendo restrição hídrica em setembro e até meados de outubro. Neste período de 90 dias ocorreu a floração e formação inicial dos frutos. Na fase de floração a suplementação com irrigação garantiu o grande pegamento dos frutos.

A boa distribuição das chuvas na safra passada, entre outubro de 2016 e abril de 2017, permitiu um bom desenvolvimento vegetativo dos ramos, havendo reserva fisiológica para garantir e sustentar a abundante floração ocorrida em agosto e setembro.

Planalto

Em outubro e novembro, as chuvas ocorreram em praticamente toda a região, coincidindo com o fim da colheita da safra passada e o início da floração.

Na região de Vitória da Conquista, deve-se destacar

o caráter regular das chuvas durante 2017, diferentemente do que se observou na safra anterior (quando as precipitações se concentraram, principalmente, em janeiro/2016). A recuperação das lavouras, que sentiram gravemente o déficit hídrico das últimas safras, tem causado uma grande expectativa para esta safra, tanto pela bienalidade positiva quanto pela melhoria das condições climáticas. As chuvas de novembro estimularam a floração na maioria das lavouras da microrregião de Vitória da Conquista.

Na região da Chapada Diamantina, observou-se chuvas moderadas. Cafeicultores do município de Mucugê têm buscado a tecnologia para o enfrentamento das irregularidades das precipitações e têm se destacado no aumento da eficiência produtiva, nos ganhos de qualidade do café colhido e beneficiado e na redução do custo de produção das lavouras a partir da fertirrigação.

As chuvas de março a agosto melhoraram as condições das lavouras e prepararam bem os cafezais para esta safra, reduzindo os impactos da estiagem ocorrida em janeiro e fevereiro de 2017. Em novembro foi registrado 95,2 mm de chuvas, com concentração na primeira quinzena do mês. Observou-se boas florações e expectativa positiva para a produção.

Na região de Brejões/Vale do Jequiçá, que vem passando por um declínio significativo do cultivo de café, com transição para outras culturas (mandioca e maracujá) e expansão da pecuária, face aos problemas climáticos de anos anteriores, as chuvas dos últimos meses possibilitaram a recuperação das lavouras. Os bons efeitos no cafeeiro causaram uma variação positiva na produtividade esperada para a safra 2018.



9.4.1. ASPECTOS FITOSSANITÁRIOS

Atlântico

Os tratos fitossanitários foram intensificados devido ao aparecimento de pragas e doenças. A Broca-do-fruto está com maior infestação, nessa safra, necessitando do produtor maior investimento no controle, em vista dos danos que podem causar, tais como: redução da produção, danificar os frutos e reduzir a qualidade dos grãos. Esses danos podem prejudicar a classificação e preço pago ao produtor.

O ácaro vermelho foi facilmente controlado através de defensivos e também devido às condições climáticas estarem desfavoráveis para sua permanência na área foliar. Foram identificadas a presença de lagarta, Cochonilha, Broca-da-haste, Ferrugem e a mortalidade de hastes e galhos, exigindo maior atenção do produtor no monitoramento. No entanto, as pragas e doenças estão mantidas em índices abaixo do dano econômico.

Cerrado

O principal problema fitossanitário da região é o Bi-

9.4.1. SITUAÇÃO DAS LAVOURAS E PRODUÇÃO

Atlântico

Estima-se a produção entre 2.294 e 2.400 mil sacas beneficiadas em 47.166 hectares, com a produtividade entre 48,64 e 50,88 scs/ha. Em relação à safra passada, estima-se redução de 4,4% à manutenção da produtividade.

No último ano foram realizados novos plantios, representando o crescimento de 1,4% (675 hectares) na área total cultivada. Nos novos plantios, o espaçamento entre plantas foi reduzido, adensando as plantas e aumentando a população de 3.333 plantas/ha para 3.571 plantas/ha, causando impacto no parque cafeeiro, nos próximos anos.

As lavouras de café se encontram na fase de granação, com frutos verdes formando os grãos de café. O início da colheita está previsto para março.

A sensível redução na produtividade e produção nessa safra, em relação à safra passada, é atribuída a uma menor quantidade de frutos por rosetas formadas, provocado por fatores abióticos. No entanto, estima-se cerca de 40% (18.866 hectares) da área cultivada seja irrigada e responsável pela produção de 1.132 mil sacas, com rendimento médio de 72 scs/ha. Os campos irrigados em melhor condição de solo e manejo

cho-mineiro, também havendo presença de Broca, Cochonilha, Cercosporiose e Ferrugem, mas com pouca infestação. No entanto, com a chegada das chuvas em outubro a infestação diminuiu e ficou sob controle. As melhores eficiências no controle foram obtidas com a alternância de inseticidas sistêmicos e de contato, com a manutenção das entrelinhas vegetadas, servindo de abrigo para a população natural de insetos e pequenos animais. Não houve relato de infestações de outras pragas e doenças.

Planalto

Com a elevação da umidade face a chegada das chuvas, alguns produtores demonstraram preocupação com a ferrugem e a necessidade de manejo adequado, pois deve-se fazer a pulverização preventiva. Observou-se a incidência do Bicho-mineiro nas lavouras, no entanto convive-se com estes problemas fitossanitários através de controle químico, sem danos econômicos significativos.

deverão atingir a produtividade de 120 scs/ha.

Em toda região se estima que haja 2.630 hectares de lavouras em formação, dentre lavouras novas e podadas, que entrarão em produção nas próximas safras. Cerrado.

Cerrado

Estima-se a produção entre 490 e 510 mil sacas beneficiadas, em 11.306 hectares, com produtividade entre 43,34 e 45,11 scs/ha. Em relação à safra passada, estima-se o aumento na produtividade de 45,5% a 51,5%. O representativo aumento na produtividade e na produção se deve ao bom estado fisiológico das plantas, que tiveram boa florada e frutos vingados, à entrada em produção de cerca de 3.000 hectares de lavouras que estavam em formação e deverão render cerca de 70 scs/ha e à eficiência no controle do Bicho-mineiro.

O parque cafeeiro para esta safra está estimado em 931 hectares de lavouras em formação e 11.306 hectares em produção, totalizando a área cultivada de 12.237 hectares. Na manutenção das lavouras foram erradicados 783 hectares de café, substituídos por lavouras de grãos e outros 204 hectares foram renova-



dos, havendo destruição da lavoura velha e plantio de novas mudas. O manejo de poda em esqueletamento foi realizado em 400 hectares, que retornarão à produção em 2019.

A área cultivada vem sofrendo redução de área desde à safra 2012, cuja área totalizava 15.793 hectares, representando redução de 22,5% (3.556 hectares). A redução de área cultivada pode ser atribuída à complexidade de manejo das lavouras, aliada às baixas produtividades e à severidade do Bicho-mineiro. Ressaltamos que os plantios são todos irrigados, a maioria com pivô e uma parte menor com gotejamento. As lavouras de grãos têm tomado espaço do café, pois existe a possibilidade de realizar até três safras de grãos por ano e também a flexibilidade para as tomadas de decisões e mudanças de culturas serem rápidas conforme tendências do mercado.

As lavouras estão no estágio de frutificação e também ocorrendo o enchimento dos grãos. As plantas apresentam ótimo enfolhamento, boa situação sanitária, com folhas limpas e isentas de manchas. O início da colheita está previsto para meados de abril.

Planalto

Estima-se uma produção entre 1.247 e 1.311 mil sacas beneficiadas, uma elevação de 80,7 a 90% quando comparada à safra anterior. O maior volume de produção está associado ao ganho de produtividade, esperado com a recuperação das lavouras cafeeiras devido às chuvas de 2017 que, como reflexo, propiciou boa florada e pré-florada após as chuvas de novembro, aliado ao maior investimento para tratar do processo de recuperação das lavouras e da bialidade positiva.

A redução da área em formação nas regiões da Chapada Diamantina (8%) e de Vitória da Conquista (30,3%) está associada à normalização das condições climáticas e recuperação das lavouras. Na região de Brejões, que já foi um importante polo cafeeiro do es-

tado, apontou-se uma queda na área em produção e em formação do parque cafeeiro.

Para a região de Vitória da Conquista foi observado a falta de uniformidade no estágio das plantas de café, estimando-se que cerca de 40% tenha florado no início de novembro e estejam em estágio de pós-florada e chumbinho. Os outros 60% das áreas estão com gema entumescida ou abotoado, prontas para a chegada das chuvas e florescimento das plantas.

Na Chapada Diamantina, a falta de uniformidade das lavouras também foi constatada. Observou-se grãos verdes em fase de expansão, em chumbinho e em gema. Foi observado a pressão pela substituição das lavouras de café pelo cultivo de maracujá, morango e tangerina. Há ações das iniciativas público e privadas para reverter essa situação, através de estratégias de valorização com o Programa Café de Qualidade.

No município de Bonito, importante produtor da Chapada Diamantina, estima-se que 25% das lavouras tenha florado e esteja na fase de expansão e enchimento de grãos, e que ocorram novas floradas com a chegada das chuvas de dezembro e janeiro.

Figura 3 - Café abotoado em Vitória da Conquista - BA



Fonte: Conab.

Quadro 5 – Monitoramento agrometeorológico: análise de parte do período vegetativo e de todo o período reprodutivo da safra 2017, com os possíveis impactos de acordo com as fases* do café na Bahia.

Ano		Bahia												
		2017				2018								
Meses		Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Fases*	Cerrado**	F***	F***	CH	EF	EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	
	Planalto	F	F	F/CH	CH/EF	GF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C
	Atlântico	F	F	F/CH	CH/EF	GF	GF	GF/M	M	M/C	C	C		

* (PV)=período vegetativo; (R)=repouso; (F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

** cultivos irrigados.

*** restrição por altas temperaturas.

Favorável
 Baixa restrição falta de chuva
 Média restrição falta de chuva



9.5. RONDÔNIA

9.5.1. CONSIDERAÇÕES GERAIS

A cultura do café no estado tem forte expressão econômica e social, contando atualmente com a participação de aproximadamente 23 mil produtores, a maioria de base familiar. A produção é predominante da variedade conilon, por ser mais resistente e que melhor se adaptou à região.

Inicialmente as lavouras de café em Rondônia foram implantadas com sementes trazidas pelos agricultores de regiões produtoras tradicionais de outros estados e sem controle oficial. Atualmente, ainda em sua maioria, a área em produção é formada com lavouras de baixa produtividade e outras em pleno declínio de produção. Nessas lavouras se utilizam o sistema tradicional, com baixo padrão tecnológico, sendo pouco utilizado controle de pragas e doenças, calagem, adubação, poda e desbrota.

O sistema de produção, de uma forma geral, vem nos últimos anos passando por um processo gradativo e permanente de substituição das lavouras existentes por lavouras novas, utilizando-se cafés clonais. Em municípios tradicionalmente produtores de café, essa substituição já alcança cerca de 50% da área plantada. Essa mudança para um sistema de produção mais tecnificado, com mudas clonais, irrigação, adubação e poda, exige uma maior profissionalização e conscientização do produtor no manejo da cultura.

A irrigação também tem sido importante na exploração da potencialidade produtiva do café clonal. No entanto, é imprescindível o uso racional da água, com a utilização de técnicas mais eficientes, utilizando-se modelos mais adequados adaptáveis ao tipo de solos, topografia, tamanho da área, fatores climáticos e os relacionados ao manejo da cultura, déficit hídrico e capacidade de investimento do produtor.

9.5.1. FATORES CLIMÁTICOS

Como é comum na estação seca, que vai de junho a agosto, as chuvas foram escassas, alta luminosidade, baixa umidade relativa do e calor intenso. Em setembro, mês de transição entre a estação seca e a estação chuvosa, as chuvas começaram a ocorrer com pouca intensidade e mal distribuídas, tendo sido verificadas em algumas regiões, por um curto período, diminuição de temperaturas. A partir de outubro, as chuvas ficaram mais frequentes e em novembro passaram a cair com maior intensidade e bem distribuídas, favorecendo a recuperação das lavouras e o desenvolvimento dos frutos. As chuvas que ocorreram em setembro

Os agentes financeiros oficiais e o sistema de cooperativas de crédito têm disponibilizado volume de recursos para custeio e investimento suficiente para atender a demanda existente dos cafeicultores.

As ações dos órgãos ligados ao setor primário de produção, notadamente àqueles voltados à assistência técnica e extensão rural, pesquisa e ao controle fitossanitário, têm possibilitado a inserção dos produtores no processo de inovação tecnológica, que refletem no cenário atual favorável, caracterizado por um aumento de produtividade. As ações conjuntas, envolvendo os vários atores ligados a cafeicultura, vêm contribuindo para a busca de uma produção com qualidade, potencializando ainda mais a cafeicultura, com a realização de dias de campo, cursos com noções de classificações de café para produtores, concurso anual para escolha dos melhores cafés produzidos no estado, participação em feiras internacionais do café, até mesmo com premiações de produtores locais e distribuição de mudas de café clonal, beneficiando diversas regiões do estado.

Esse cenário, gerado com a utilização de mudas clonais, tem proporcionado excelentes resultados para a cafeicultura de Rondônia, haja vista a boa homogeneidade das lavouras, precocidade na produção, maior uniformidade de maturação dos grãos, melhor qualidade dos grãos, escalonamento da colheita e ganhos constantes e expressivos na produtividade, gerando ao produtor aumento significativo da renda e mais qualidade de vida no campo.

A maior parte da produção de café no estado está concentrada nos municípios de Alto Alegre do Parecis, Alta Floresta do Oeste, Cacoal, Ministro Andreazza, Nova Brasilândia do Oeste e São Miguel do Guaporé.

favoreceram as floradas dos cafezais, beneficiando a sua manutenção. De forma geral, o clima está normal, propiciando um bom enchimento dos frutos, estágio fenológico predominante atualmente da cultura. Mantidas as mesmas condições, as perspectivas são de incremento na produtividade.

Ao contrário do que ocorre nas áreas de renovação, plantadas utilizando clones e irrigação, as áreas antigas cultivadas no sistema de sequeiro e com café seminal, plantados através de semente, sofrem mais quando ocorrem deficiências hídricas.



9.5.1. CONDIÇÕES DA CULTURA

O primeiro prognóstico da produção de café da safra 2018 no estado está estimado entre 2.267,7 mil e 2.403,6 mil sacas beneficiadas, 17 a 24% superior à safra 2017. A área total plantada de café praticamente se mantém estável em relação à safra anterior, ou seja, 74.255 hectares em produção e 9.084 hectares em formação, sendo a área total de 83.339 hectares. Está havendo uma constante renovação do material genético em todas as lavouras de Rondônia, em substituição às lavouras antigas, implantadas com sementes de propagação seminal e com baixo padrão tecnológico, e, em escala reduzida, também ocorre a incorporação de novas áreas, anteriormente utilizadas com pastagem.

A primeira estimativa para essa safra indica que a produtividade média no estado se situa entre 30,54 e 32,37 scs/ha, superior em 17 a 24% à safra passada. Esse aumento significativo é estimulado pelo processo constante de renovação pelo qual está passando toda a cultura, envolvendo a substituição das lavouras antigas, formadas com café seminal, por materiais genéticos mais responsivos, constituído por clones. A entrada em produção de áreas que foram renovadas, o melhor manejo da cultura e as condições climáticas, observadas desde a florada até o estágio fenológico atual, também têm sido favoráveis ao desenvolvimento da cultura.

A produtividade só não é mais expressiva devido, ainda, à existência de um significativo percentual de área em produção com café seminal, de áreas novas que ainda não entraram em produção e a incidência de algumas doenças e pragas, com ênfase para a cochonilha-da-roseta, verificada em todo o estado.

As condições climáticas na região, alternando períodos secos, com temperaturas altas e baixa umidade, e períodos chuvosos, com temperaturas amenas e elevada umidade, bem como a proximidade com ambientes naturais, propicia o surgimento de pragas e doenças. As pragas mais comuns observadas nos cafezais nessa safra são: cochonilha-da-roseta, ácaro vermelho, bicho-mineiro e a broca-do-café, porém em todas as regiões visitadas há predomínio da cochonilha-da-roseta e uma grande preocupação quanto a broca-do-café, por provocar enormes prejuízos em consequência dos danos causados aos frutos, princi-

palmente com a perda de peso, perda de qualidade, queda dos frutos e a maturação forçada.

As doenças existentes como a koleroga, ferrugem, cercosporiose e seca-de-ponteiros, ocorrem com maiores intensidades durante o período chuvoso, coincidindo com a fase de formação dos frutos. Outra situação observada se refere a uma maior conscientização quanto à aplicação das recomendações técnicas para a utilização dos controles químico, biológico e cultural, de forma a garantir melhor produtividade.

Figura 4 - Café conilon clonal, com 80 dias de plantado. À esquerda, lavoura em produção. Ambos irrigados por gotejamento.



Fonte: Conab.

Figura 5 - Área de aplicação preparada para plantio de café clonal - Nova Brasilândia - RO



Fonte: Conab.



Quadro 6 – Monitoramento agrometeorológico: análise de todo o período reprodutivo da safra 2017, com os possíveis impactos de acordo com as fases* do café em Rondônia

Rondônia												
Ano	2017					2018						
Meses	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul
Fases*	F	F	CH	EF	EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C

* (PV)=período vegetativo; (R)=repouso; (F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita

** maior concentração na região norte.

 Favorável	 Baixa restrição falta de chuva	 Média restrição falta de chuva
---	--	--

9.6. PARANÁ

9.6.1. CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

A estimativa inicial é de uma produção entre 900 mil e 1.020 mil sacas para a próxima safra, redução de 25,3 a 15,7% em comparação à quantidade de 1.210 mil sacas obtidas em 2017. Além do esperado ciclo de safra de bienalidade negativa, a redução da área cultivada, que continua ocorrendo nas principais regiões produtoras, contribui para acentuar a diminuição do volume esperado em 2018.

A área total cultivada soma cerca de 41.100 hectares, uma redução de 10,8% em relação aos 46.100 hectares existentes na última safra, sendo que 92% está em produção e 8% são de lavouras novas.

A redução gradativa dos preços, recebidos durante os últimos 12 meses, aliada à necessidade de adotar melhores tecnologias de produção, com maior grau de mecanização e renovação das lavouras, têm levado muitos produtores a diminuir a área cultivada com objetivo de melhorar a eficiência e obter maior renda. Foi observado a erradicação de lavouras mais velhas e

a preocupação dos cafeicultores em melhorar a gestão na produção e na qualidade.

As primeiras floradas ocorreram em meados de agosto, após um período de quarenta dias de estiagem, que segundo estimativas, representou cerca de 30% do potencial produtivo para a safra 2018. Em seguida foram mais 30 dias de seca durante setembro, que induziu a uma excelente florada na primeira quinzena de outubro com a chegada das chuvas, praticamente completando o potencial de produção para a próxima safra, uma vez que, em novembro, registrou-se poucas floradas. No geral, as principais floradas se concentraram em dois momentos, principalmente em outubro, o que pode favorecer a uniformidade na formação e maturação dos frutos, contribuindo para obtenção de melhor qualidade do produto final. As condições climáticas, observadas a partir de outubro, com chuvas acima da média em muitas regiões, favoreceram o bom desenvolvimento das lavouras e da produção que se encontra em fase de formação de frutos.

Quadro 7 – Monitoramento agrometeorológico: análise de todo o período reprodutivo da safra 2017, com os possíveis impactos de acordo com as fases* do café em Paraná

Rondônia												
Ano	2017				2018							
Meses	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago
Fases*	F	F/CH	CH/EF	EF	GF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C

* (PV)=período vegetativo; (R)=repouso; (F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita

** maior concentração na região norte.

 Favorável	 Baixa restrição falta de chuva	 Média restrição falta de chuva
---	--	--



9.7. RIO DE JANEIRO

9.7.1. CONDIÇÕES CLIMÁTICAS E DA CULTURA

O parque cafeeiro é formado por 44.167,3 mil plantas, das quais 758,5 mil estão em formação e 43.408,8 mil em produção.

A área plantada em produção deverá ser de 13.445 hectares, superior em 3% a safra 2017.

9.7.2. COMERCIALIZAÇÃO

A comercialização varia da subsistência à venda do café gourmet, passando pela comercialização tradicional de café em coco ou beneficiado e pela comercialização de café orgânico por associação de produtores. Os produtos são destinados a feiras de produtores, às torrefações locais, a intermediários que vendem para torrefações e enviam para exportação e até para venda na própria fazenda, como no caso de

Já a área em formação gira em torno de 462 hectares. Com isso, a área total estimada deve chegar a 13.907 hectares.

A produção deverá apresentar crescimento de 1,8 a 7% em relação à safra passada, alcançando entre 355,2 a 373,4 mil sacas.

circuitos turísticos de café.

A maioria dos produtores procuram comercializar o café nos próprios municípios, nas regiões próximas, e vendem também para o Espírito Santo. Grande parte é comercializada pelo município de Varre Sai, que faz divisa com o Espírito Santo.

9.8. GOIÁS

9.8.1. CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

O início do período chuvoso, que chegou de forma tardia nos cafezais, ocasionou falta de padrão de floradas e abortamentos, podendo refletir em perdas, quando os grãos maiores formados tendem a cair primeiro.

Na região leste do estado, onde se encontra boa parte dos cafezais, as chuvas de maio, que ficaram em torno de 100 mm, foram prejudiciais, pois derrubaram grande quantidade de grãos maduros nas plantas, promovendo quebra nos rendimentos em algumas propriedades. Em novembro, as chuvas de granizo derrubaram estruturas foliares e frutos das plantas,

estimando-se perdas nestas áreas de até 60% na produção.

Houve altas temperaturas na fase de floração em algumas lavouras, que também promoveu abortamento e queda de floração.

As condições dos volumes nas barragens com captação para irrigação continuam críticas e, em muitas áreas no estado, prejudicaram a irrigação da cultura no ano de 2017.

9.8.2. PRAGAS E DOENÇAS

Neste levantamento, além das pragas já relatadas no levantamento anterior (broca e bicho-mineiro), algumas áreas começaram a apresentar a incidência de cochonilha-da-roseta, principalmente entre setembro e novembro. Devido ao ataque da cochonilha-da-roseta foram relatados ocorrência de queda prematura de flores, queda prematura de frutos e deficiência no enchimento dos frutos, em algumas localidades atacadas pela praga.

A principal praga, e de difícil controle em Goiás, ainda é o bicho-mineiro. Considera-se que aplicações de defensivos químicos em intervalos de dez dias podem gerar fator de resistência à praga.

Figura 6 - Cochonilha-da-roseta



Fonte: Conab.



9.8.3. TRATOS CULTURAIS

Os níveis das barragens ficaram em situação crítica no período de julho a outubro. Nesse período, a falta de água para irrigação prejudicou a manutenção da florada, além do atraso das chuvas, que não ocorreram em outubro, podendo comprometer a produção para 2018.

Podas e esqueletamento foram realizados em diversas áreas de cafezais mais velhos. A adubação nos cafezais ocorreu em setembro. Subprodutos da colheita, como a casca do café, são utilizados como cobertura em diversas áreas.

Figura 7 - Café com poda do tipo recepa, em Rio Verde - GO



Fonte: Conab.

Quadro 8 – Monitoramento agrometeorológico: análise de todo o período reprodutivo da safra 2017, com os possíveis impactos de acordo com as fases* do café em Goiás

Goiás												
Ano	2017				2018							
Meses	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago
Fases*	F*8*	F*8*	CH	EF	EF	GF	GF	GF/M	M	M/C	C	C

* (PV)=período vegetativo; (R)=repouso; (F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita

** Cultivos irrigados

*** Restrição por altas temperaturas e indisponibilidade hídrica para irrigação

 Favorável	 Baixa restrição falta de chuva	 Média restrição falta de chuva	 Baixa restrição geadas
---	---	---	---

9.9. MATO GROSSO

9.9.1. ÁREA E PRODUÇÃO

Para a safra 2018, o incremento deverá ser de 5,1% em relação aos 9.563 hectares da safra 2017. Esse aumento de área se deve ao início da produção de lavouras antes em formação, plantadas em 2016.

As áreas em formação neste ano são, em sua totalidade, compostas por mudas clonais, tecnologia que vem sendo implantada na região e que permite maior número de plantas por hectare, maior produtividade e, conseqüentemente, maior produção. Essas áreas somam 1.644 hectares, 22,9% inferior à safra 2017, que era de 2.131.

As áreas em formação de café clonal foram implantadas, parte com mudas produzidas em viveiros parti-

culares e conveniados com os municípios e também, parte com mudas obtidas de Rondônia, por meio do Programa de Revitalização da Cafeicultura no Estado de Mato Grosso – Pró-café Mato Grosso.

A estimativa de produção de café conilon, na safra 2018, é que fique entre 97,5 e 102,5 mil sacas de café, entre 7,9 e 13,4% maior que a safra 2017, quando a produção foi de 90,4 mil sacas. Esse aumento de produção se deve ao melhor manejo das lavouras implantadas e ao fato da bienalidade positiva para o ano de 2018.

Em relação ao café arábica, deverá ser de 50 hectares, com produtividade estimada entre 22 e 24 scs/ha.



9.9.1. CLIMA

O período chuvoso dentro da normalidade favoreceu o desenvolvimento da cultura do café em Mato Grosso. Porém, algumas lavouras apresentaram dificuldade no pegamento durante a fase de floração/frutificação, pois houve períodos de estiagem em alguns municípios e não deve ocorrer grande incremento na produtividade.

9.10. AMAZONAS

9.10.1. CONSIDERAÇÕES GERAIS

O cenário da cafeicultura do Amazonas se apresenta hoje em duas realidades bem distintas. Uma, relacionada ao aperfeiçoamento técnico, através das práticas de manejo agroecológico e uso de variedades melhoradas, concentrada no município de Apuí e outra, a realidade de abandono dos pomares e consequentemente de baixa produtividade, encontrada no restante dos municípios do estado.

9.10.2. CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

De acordo com o Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos (CPTEC), do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), a previsão para a Região Norte, por consenso, para o trimestre janeiro, fevereiro e março de 2018 indica maior probabilidade de as

9.10.3. COMERCIALIZAÇÃO

O padrão de comercialização no município de Apuí deve ser alterado para esta safra em razão da inauguração de mais uma unidade de beneficiamento

9.10.4. ÁREA, PRODUÇÃO E PRODUTIVIDADE

No tocante à área plantada de café no Amazonas, não existe até o momento indicativo de variação da área plantada quando relacionada com a área do fechamento do ano de 2017, que possui unidade de processamento (torragem e moagem) para obtenção do produto finalístico.

Figura 8 - Lavoura em formação, em Colniza - MT



Fonte: Conab.

Mesmo com as condições climáticas favoráveis em todo o estado, com chuvas bem distribuídas na época da florada e as boas práticas agrícolas desenvolvidas em Apuí, a previsão de safra para 2018 deverá ter redução de 6,7% em relação à safra passada, muito em virtude da carência de manejo do restante do parque cafeeiro do estado.

chuvas ocorrerem na categoria acima da faixa normal, com distribuição de probabilidades de 50%, 30% e 20% para as categorias acima, dentro e abaixo da faixa normal climatológica, respectivamente.

(secagem e descascamento). Dessa forma, a produção orgânica será beneficiada na nova unidade e o restante continuará sendo beneficiado por outra cerealista.

A produção estimada para a safra 2018 deve ser de 7 mil sacas beneficiadas. A produtividade deve ser 13,89 sc/ha, redução de 6,7%, quando comparada à safra passada.





10. RECEITA BRUTA

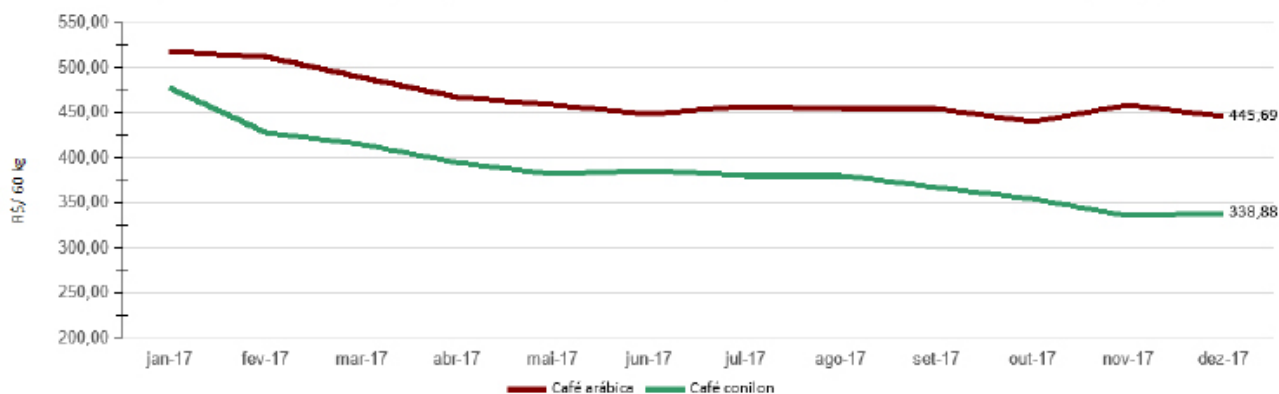
Em janeiro de cada ano, a Companhia Nacional de Abastecimento – Conab – realiza estimativas acerca da produção nacional do café. Nesse primeiro levantamento anual, são destacadas as estimativas para o café arábica e para o café conilon. Essas estimativas são apresentadas em uma abordagem intervalar, ou seja, são apresentados valores para os limites inferior e superior da referida produção.

Para o cálculo da receita bruta auferida pelos produtores nesse levantamento, foi utilizada a abordagem que consiste na média dos limites supracitados. Nesse sentido, o valor médio para a produção da safra de 2018 é de 56,48 milhões de sacas beneficiadas e o valor observado para a produção na safra de 2017 foi de 44,98 milhões de sacas. Ou seja, é possível que seja observado para a safra de 2018 um aumento de 25,6% na produção nacional de café.

Os maiores produtores nacionais de café arábica e conilon são, respectivamente, Minas Gerais e Espírito Santo. Em Minas, caso a produção se estabeleça conforme o ponto médio da estimativa intervalar obtida pela Conab, poderão ser produzidas 29,53 milhões de sacas de café, o que corresponde a 68,4% do total de arábica e o Espírito Santo; 8,15 milhões de sacas ou 61,2% do total de conilon produzido no Brasil.

O cenário de preços nesses dois estados indica a manutenção dos preços para o café conilon, no Espírito Santo e, por outro lado, uma leve queda no preço do arábica em Minas Gerais, conforme pode ser observado no gráfico 1, a seguir.

Gráfico 1 - Preços mensais recebidos pelos produtores de café arábica, em Minas Gerais, e de café conilon, no Espírito Santo

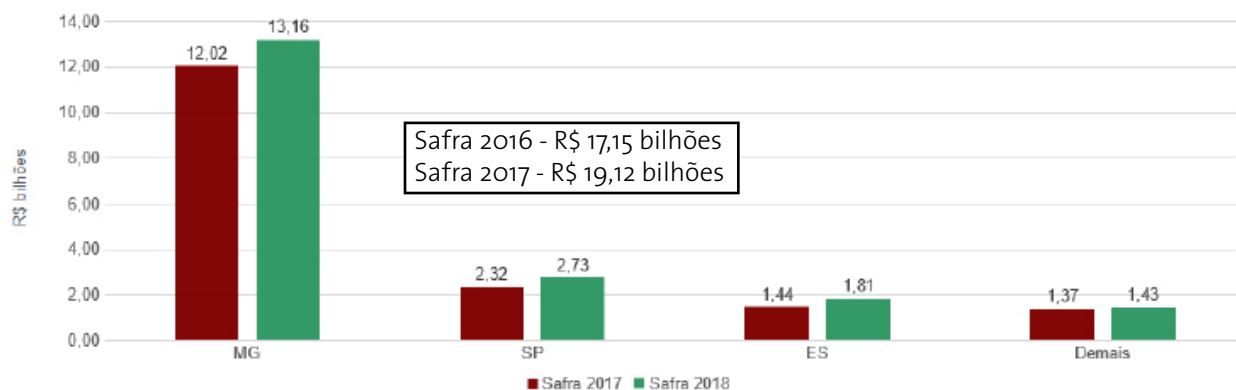


Fonte: Conab.

Considerando as estimativas de produção divulgados para as safras 2017 e 2018 e os preços médios pagos aos produtores em dezembro de 2016 e dezembro de 2017, respectivamente, a receita bruta de café arábica

foi estimada em R\$ 19,13 bilhões na safra 2018, 11,5% superior aos R\$ 17,15 bilhões da safra 2017 (vide resumo no Gráfico 2, a seguir)..

Gráfico 2 - Receita bruta de café arábica - Safras 2017 e 2018 - Preços nominais - 12/2016 e 12/2017



Fonte: Conab.

A produção apresenta, possivelmente, forte participação na maior receita auferida para o produtor de café arábica, nos períodos em análise. A produção nacional de café arábica pode sofrer sensível acréscimo, entre as safras de 2018 e 2017, um montante de 8,9 milhões sacas. Por outro lado, quando comparados os

preços praticados em dezembro de 2016 e dezembro de 2017 percebe-se um declínio de 11,5% no valor nacional médio de comercialização. Isto posto, o possível incremento na produção tem forte participação no aumento de 2 bilhões de reais na receita bruta advinda do comércio do café arábica no Brasil.



Tabela 1- Estimativa da receita bruta - Café arábica beneficiado

REGIÃO/UF	PRODUÇÃO (MIL SACAS BENEFICIADAS)			PREÇO RECEBIDO - R\$ sc/60 KG			RECEITA BRUTA - R\$ MIL		
	SAFRA 2017	SAFRA 2018	VAR. %	08/2016	08/2017	VAR. %	SAFRA 2017	SAFRA 2018	VAR. %
NORTE	-	-	-	-	-	-	-	-	-
RO	-	-	-	-	-	-	-	-	-
AM	-	-	-	-	-	-	-	-	-
PA	-	-	-	-	-	-	-	-	-
NORDESTE	978,0	1.779,0	81,9	494,55	433,68	-12,3	483.669,9	771.516,7	59,5
BA	978,0	1.779,0	81,9	494,55	433,68	-12,3	483.669,9	771.516,7	59,5
Cerrado	288,0	500,0	73,6	494,55	433,68	-12,3	142.430,4	216.840,0	52,2
Planalto	690,0	1.279,0	85,4	494,55	433,68	-12,3	341.239,5	554.676,7	62,6
Atlântico	-	-	-	-	-	-	-	-	-
CENTRO-OESTE	191,3	150,9	-21,1	500,42	438,03	-12,5	95.730,3	66.076,8	-31,0
MT	1,1	1,2	4,6	500,42	438,03	-12,5	550,5	503,7	-8,5
GO	190,2	149,7	-21,3	500,42	438,03	-12,5	95.179,9	65.573,1	-31,1
SUDESTE	31.812,4	40.197,1	26,4	501,62	444,20	-11,5	15.957.747,5	17.855.608,7	11,9
MG	24.101,6	29.529,1	22,5	498,73	445,69	-10,6	12.020.191,0	13.160.824,6	9,5
Sul e Centro-Oeste	13.684,2	15.965,4	16,7	498,73	445,69	-10,6	6.824.721,1	7.115.596,8	4,3
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	3.658,3	6.029,3	64,8	498,73	445,69	-10,6	1.824.504,0	2.687.198,7	47,3
Zona da Mata, Rio Doce e Central	6.257,7	6.873,1	9,8	498,73	445,69	-10,6	3.120.902,7	3.063.271,9	-1,9
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	501,4	661,4	31,9	498,73	445,69	-10,6	250.063,2	294.757,1	17,9
ES	2.950,0	4.300,0	45,8	489,38	420,00	-14,2	1.443.671,0	1.806.000,0	25,1
RJ	349,0	364,3	4,4	496,88	426,79	-14,1	173.411,1	155.479,6	-10,3
SP	4.411,8	6.003,7	36,1	525,97	455,27	-13,4	2.320.474,4	2.733.304,5	17,8
SUL	1.210,0	960,0	-20,7	482,37	423,22	-12,3	583.667,7	406.291,2	-30,4
PR	1.210,0	960,0	-20,7	482,37	423,22	-12,3	583.667,7	406.291,2	-30,4
OUTROS(*)	57,4	62,7	9,2	543,13	457,07	-15,9	31.175,7	28.658,3	-8,1
NORTE/NORDESTE	978,0	1.779,0	81,9	494,55	433,68	-12,3	483.669,9	771.516,7	59,5
CENTRO-SUL	33.213,7	41.308,0	24,4	500,91	443,69	-11,4	16.637.145,6	18.327.976,7	10,2
BRASIL	34.249,1	43.149,7	26,0	500,80	443,30	-11,5	17.151.991,1	19.128.151,7	11,5

Legenda: (*) AC, CE, PE, MS e DF

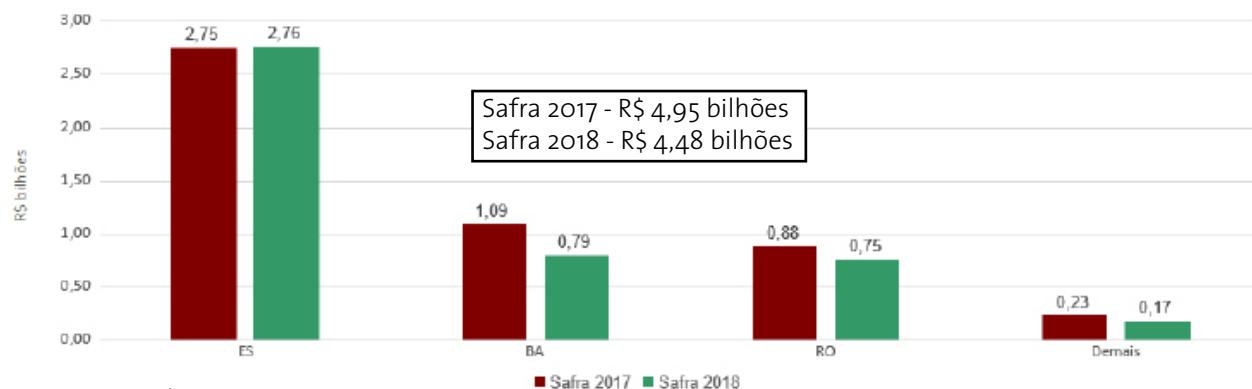
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.

Quanto ao café conilon, o quadro de estimativas, também, apresenta aumento substancial para a produção e queda também relevante para os preços, observan-

do-se, assim, queda na receita dos produtores desta espécie, conforme pode ser observado, seguir, no Gráfico 3 e na Tabela 2.

Gráfico 3 - Receita bruta de café conilon - Safras 2017 e 2018 - Preços nominais - 08/2016 e 08/2017



Fonte: Conab.



Tabela 2 - Estimativa da receita bruta - Café conilon beneficiado

REGIÃO/UF	PRODUÇÃO (MIL SACAS BENEFICIADAS)			PREÇO RECEBIDO - R\$ sc/60 KG			RECEITA BRUTA - R\$ MIL		
	SAFRA 2017	SAFRA 2018	VAR %	08/2016	08/2017	VAR. %	SAFRA 2017	SAFRA 2018	VAR. %
NORTE	1.952,1	2.349,4	20,3	-	-	-	880.974,3	758.134,2	-13,9
RO	1.938,2	2.335,7	20,5	452,35	322,80	-28,6	876.744,8	753.947,8	-14,0
AM	7,5	7,0	-6,7	260,00	300,00	15,4	1.950,0	2.100,0	7,7
PA	6,4	6,7	4,7	356,18	311,40	-12,6	2.279,5	2.086,4	-8,5
NORDESTE	2.380,0	2.347,0	-1,4	457,50	336,25	-26,5	1.088.850,0	789.178,8	-27,5
BA	2.380,0	2.347,0	-1,4	457,50	336,25	-26,5	1.088.850,0	789.178,8	-27,5
Cerrado			-	-	-	-	-	-	-
Planalto			-	-	-	-	-	-	-
Atlântico	2.380,0	2.347,0	-1,4	457,50	336,25	-26,5	1.088.850,0	789.178,8	-27,5
CENTRO-OESTE	90,4	100,0	10,6	452,35	322,80	-28,6	40.892,4	32.280,0	-21,1
MT	90,4	100,0	10,6	452,35	322,80	-28,6	40.892,4	32.280,0	-21,1
GO			-	-	-	-	-	-	-
SUDESTE	6.258,7	8.489,1	35,6	466,04	339,62	-27,1	2.916.779,7	2.883.108,2	-1,2
MG	343,7	334,1	-2,8	477,84	357,80	-25,1	164.234,5	119.541,8	-27,2
Sul e Centro-Oeste			-	-	-	-	-	-	-
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste			-	-	-	-	-	-	-
Zona da Mata, Rio Doce e Central	223,4	217,2	-2,8	477,84	357,80	-25,1	106.750,0	77.696,8	-27,2
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	120,3	117,0	-2,8	477,84	357,80	-25,1	57.484,5	41.845,0	-27,2
ES	5.915,0	8.155,0	37,9	465,35	338,88	-27,2	2.752.545,3	2.763.566,4	0,4
RJ	0,00		-	0,00	0,00	-	0,0	0,0	-
SP			-	-	-	-	-	-	-
SUL	0,0		-	-	-	-	-	-	-
PR			-	-	-	-	-	-	-
OUTROS(*)	39,7	41,3	4,0	400,00	375,64	-6,1	15.880,0	15.513,9	-2,3
NORTE/NORDESTE	4.332,1	4.696,4	8,4	454,70	329,47	-27,5	1.969.824,3	1.547.313,0	-21,4
CENTRO-SUL	6.349,1	8.589,1	35,3	465,84	339,43	-27,1	2.957.672,2	2.915.388,2	-1,4
BRASIL	10.720,9	13.326,8	24,3	461,10	336,03	-27,1	4.943.376,4	4.478.215,1	-9,4

Legenda: (*) Acre e Ceará.

Fonte: Conab.

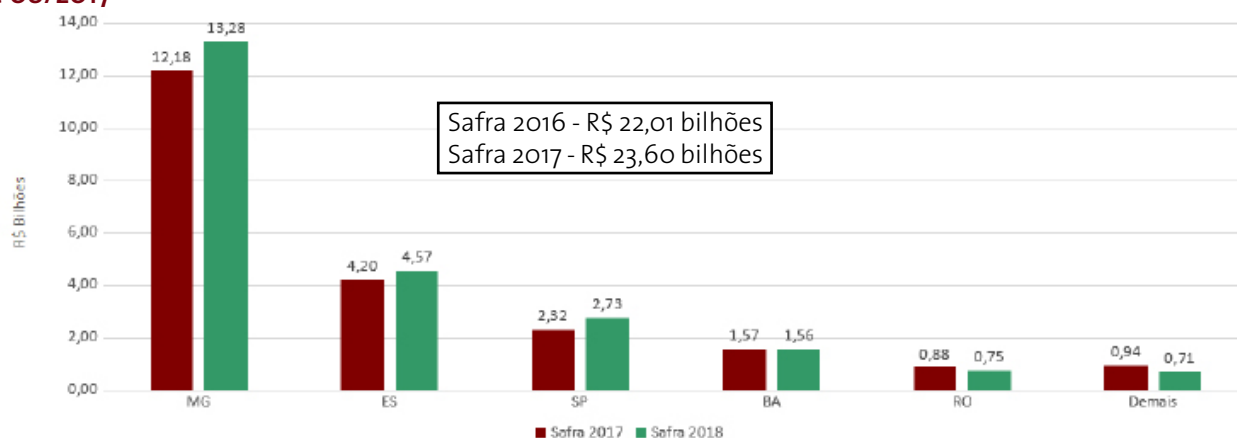
Nota: Estimativa em janeiro/2018.

Em caso de confirmação da produção nacional para a safra de 2018 no ponto médio da estimativa realizada pela Conab, somados os dados do arábica e do conilon, apura-se que a receita bruta total do café, na safra 2018, pode ser atingido o montante de R\$ 23,6 bilhões, 6,8% acima dos R\$ 22,01 bilhões alcançados em 2017.

Ou seja, as possíveis queda da receita verificada no café conilon, – R\$ 465 milhões e sensível aumento de R\$ 2 bilhões do arábica, resultaram, no total, no incremento líquido de R\$ 1,51 bilhões, conforme pode ser verificado no Gráfico 4 e na Tabela 3 seguintes.



Gráfico 4 - Receita bruta total de café (arábica e conilon) - Safras 2017 e 2018 - Preços nominais - 08/2016 e 08/2017



Fonte: Conab.

Tabela 3 - Estimativa da receita bruta - Total do café beneficiado (arábica e conilon)

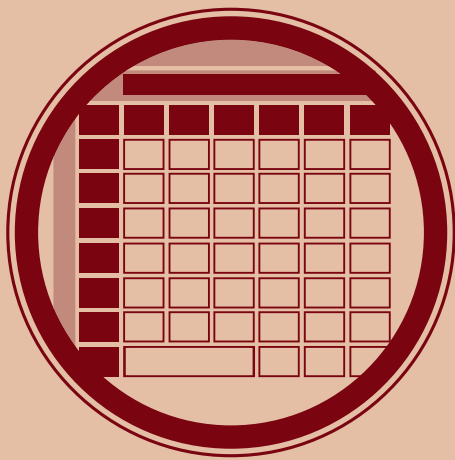
REGIÃO/UF	PRODUÇÃO (MIL SACAS BENEFICIADAS)			PREÇO RECEBIDO - R\$ sc/60 KG			RECEITA BRUTA - R\$ MIL		
	SAFRA 2017	SAFRA 2018	VAR. %	08/2016	08/2017	VAR. %	SAFRA 2017	SAFRA 2018	VAR. %
NORTE	1.952,1	2.349,4	20,4	451,30	322,70	-28,5	880.974,3	758.134,2	-13,9
RO	1.938,2	2.335,7	20,5	452,35	322,80	-28,6	876.744,8	753.947,8	-14,0
AM	7,5	7,0	-6,7	260,00	300,00	15,4	1.950,0	2.100,0	7,7
PA	6,4	6,7	4,7	356,18	311,40	-12,6	2.279,5	2.086,4	-8,5
NORDESTE	3.358,0	4.126,0	22,9	468,29	378,26	-19,2	1.572.519,9	1.560.695,5	-0,8
BA	3.358,0	4.126,0	22,9	468,29	378,26	-19,2	1.572.519,9	1.560.695,5	-0,8
Cerrado	288,0	500,0	73,6	494,55	433,68	-12,3	142.430,4	216.840,0	52,2
Planalto	690,0	1.279,0	85,4	494,55	433,68	-12,3	341.239,5	554.676,7	62,6
Atlântico	2.380,0	2.347,0	-1,4	457,50	336,25	-26,5	1.088.850,0	789.178,8	-27,5
CENTRO-OESTE	281,7	250,9	-11,0	484,99	392,09	-19,2	136.622,8	98.356,8	-28,0
MT	91,5	101,2	10,6	452,93	324,11	-28,4	41.442,9	32.783,7	-20,9
GO	190,2	149,7	-21,3	500,42	438,03	-12,5	95.179,9	65.573,1	-31,1
SUDESTE	38.071,1	48.686,2	27,9	495,77	425,97	-14,1	18.874.527,3	20.738.716,9	9,9
MG	24.445,3	29.863,2	22,2	498,44	444,71	-10,8	12.184.425,4	13.280.366,4	9,0
Sul e Centro-Oeste	13.684,2	15.965,4	16,7	498,73	445,69	-10,6	6.824.721,1	7.115.596,8	4,3
Triângulo, Alto Para-naíba e Noroeste	3.658,3	6.029,3	64,8	498,73	445,69	-10,6	1.824.504,0	2.687.198,7	47,3
Zona da Mata, Rio Doce e Central	6.481,1	7.090,3	9,4	498,01	443,00	-11,1	3.227.652,7	3.140.968,8	-2,7
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	621,7	778,3	25,2	494,69	432,48	-12,6	307.547,7	336.602,1	9,5
ES	8.865,0	12.455,0	40,5	473,35	366,89	-22,5	4.196.216,3	4.569.566,4	8,9
RJ	349,0	364,3	4,4	496,88	426,79	-14,1	173.411,1	155.479,6	-10,3
SP	4.411,8	6.003,7	36,1	525,97	455,27	-13,4	2.320.474,4	2.733.304,5	17,8
SUL	1.210,0	960,0	-20,7	482,37	423,22	-12,3	583.667,7	406.291,2	-30,4
PR	1.210,0	960,0	-20,7	482,37	423,22	-12,3	583.667,7	406.291,2	-30,4
OUTROS(*)	97,1	104,0	7,1	484,61	424,73	-12,4	47.055,7	44.172,2	-6,1
NORTE/NORDESTE	5.310,1	6.475,4	21,9	462,04	358,10	-22,5	2.453.494,2	2.318.829,7	-5,5
CENTRO-SUL	39.562,8	49.897,1	26,1	495,28	425,74	-14,0	19.594.817,7	21.243.364,9	8,4
BRASIL	44.970,0	56.476,4	25,6	491,34	417,99	-14,9	22.095.367,6	23.606.366,8	6,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro de 2017.

Legenda: (*) AC, CE, PE, MS e DF.





11. PARQUE CAFEIRO

Tabela 1 - Café total (arábica e conilon) - Comparativo de parque cafeeiro em formação, em produção e total

REGIÃO/UF	PARQUE CAFEIEIRO								
	EM FORMAÇÃO (MIL COVAS)			EM PRODUÇÃO (MIL COVAS)			TOTAL (MIL COVAS)		
	SAFRA 2017	SAFRA 2018	VAR. %	SAFRA 2017	SAFRA 2018	VAR. %	SAFRA 2017	SAFRA 2018	VAR. %
NORTE	20.548,1	25.351,5	23,4	148.117,8	166.906,4	12,7	168.665,9	192.257,9	14,0
RO	20.185,0	25.233,0	25,0	146.037,0	165.011,0	13,0	166.222,0	190.244,0	14,5
AM	118,5	118,5	-	839,3	839,3	-	957,8	957,8	-
PA	244,6	-	(100,0)	1.241,5	1.056,1	(14,9)	1.486,1	1.056,1	(28,9)
NORDESTE	49.996,0	31.965,0	(36,1)	489.892,0	493.185,0	0,7	539.888,0	525.150,0	(2,7)
BA	49.996,0	31.965,0	(36,1)	489.892,0	493.185,0	0,7	539.888,0	525.150,0	(2,7)
Cerrado	18.425,0	5.120,0	(72,2)	53.185,0	62.183,0	16,9	71.610,0	67.303,0	(6,0)
Planalto	23.743,0	18.086,0	(23,8)	280.963,0	273.940,0	(2,5)	304.706,0	292.026,0	(4,2)
Atlântico	7.828,0	8.759,0	11,9	155.744,0	157.062,0	0,8	163.572,0	165.821,0	1,4
CENTRO-OESTE	12.058,7	8.849,6	(26,6)	37.541,6	41.944,4	11,7	49.600,3	50.794,0	2,4
MT	7.025,9	5.422,8	(22,8)	14.848,8	15.675,0	5,6	21.874,7	21.097,8	(3,6)
GO	5.032,8	3.426,8	(31,9)	22.692,8	26.269,4	15,8	27.725,6	29.696,2	7,1
SUDESTE	1.110.378,4	927.363,8	(16,5)	4.789.556,2	4.930.232,8	48,2	5.899.934,6	5.857.596,6	(0,7)
MG	912.736,8	753.915,2	(17,4)	3.066.252,5	3.190.020,0	4,0	3.978.989,3	3.943.935,2	(0,9)
Sul e Centro-Oeste	551.511,0	416.177,0	(24,5)	1.489.480,4	1.630.332,0	9,5	2.040.991,4	2.046.509,0	0,3
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	180.045,0	145.815,0	(19,0)	594.532,8	623.796,0	4,9	774.577,8	769.611,0	(0,6)
Zona da Mata, Rio Doce e Central	166.174,4	180.475,8	8,6	871.085,7	836.537,0	(4,0)	1.037.260,1	1.017.012,8	(2,0)
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	15.006,4	11.447,4	(23,7)	111.153,6	99.355,0	(10,6)	126.160,0	110.802,4	(12,2)
ES	153.888,0	131.394,0	(14,6)	1.039.327,0	1.052.324,0	1,3	1.193.215,0	1.183.718,0	(0,8)
RJ	2.142,5	758,5	(64,6)	41.963,9	43.408,8	3,4	44.106,4	44.167,3	0,1
SP	41.611,1	41.296,1	(0,8)	642.012,8	644.480,0	0,4	683.623,9	685.776,1	0,3
SUL	12.600,0	13.900,0	10,3	145.900,0	131.900,0	(9,6)	158.500,0	145.800,0	(8,0)
PR	12.600,0	13.900,0	10,3	145.900,0	131.900,0	(9,6)	158.500,0	145.800,0	(8,0)
OUTROS	1.195,8	1.008,9	(15,6)	20.291,1	21.834,3	7,6	21.486,9	22.843,2	6,3
NORTE/NORDESTE	70.544,1	57.316,5	(18,8)	638.009,8	660.091,4	3,5	708.553,9	717.407,9	1,2
CENTRO-SUL	1.135.037,1	950.113,4	(16,3)	4.972.997,8	5.104.077,2	2,6	6.108.034,9	6.054.190,6	(0,9)
BRASIL	1.206.777,0	1.008.438,8	(16,4)	5.631.298,7	5.786.002,9	2,7	6.838.075,7	6.794.441,7	(0,6)

Legenda: (*) Acre, Ceará, Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.



Tabela 2 - Café arábica - Comparativo de parque cafeeiro em formação, em produção e total

REGIÃO/UF	PARQUE CAFEIEIRO								
	EM FORMAÇÃO (mil covas)			EM PRODUÇÃO (mil covas)			TOTAL (mil covas)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
NORDESTE	42.168,0	23.206,0	(45,0)	334.148,0	336.123,0	0,6	376.316,0	359.329,0	(4,5)
BA	42.168,0	23.206,0	(45,0)	334.148,0	336.123,0	0,6	376.316,0	359.329,0	(4,5)
Cerrado	18.425,0	5.120,0	(72,2)	53.185,0	62.183,0	16,9	71.610,0	67.303,0	(6,0)
Planalto	23.743,0	18.086,0	(23,8)	280.963,0	273.940,0	(2,5)	304.706,0	292.026,0	(4,2)
CENTRO-OESTE	5.052,8	3.434,3	(32,0)	22.788,7	26.394,4	15,8	27.841,5	29.828,7	7,1
MT	20,00	7,50	(62,5)	95,9	125,0	30,3	115,9	132,5	14,3
GO	5.032,8	3.426,8	(31,9)	22.692,8	26.269,4	15,8	27.725,6	29.696,2	7,1
SUDESTE	1.019.067,9	852.729,4	(16,3)	4.224.249,1	4.373.488,3	3,5	5.243.317,0	5.226.217,7	(0,3)
MG	910.479,3	751.623,8	(17,4)	3.027.219,4	3.150.401,5	4,1	3.937.698,7	3.902.025,3	(0,9)
Sul e Centro-Oeste	551.511,0	416.177,0	(24,5)	1.489.480,4	1.630.332,0	9,5	2.040.991,4	2.046.509,0	0,3
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	180.045,0	145.815,0	(19,0)	594.532,8	623.796,0	4,9	774.577,8	769.611,0	(0,6)
Zona da Mata, Rio Doce e Central	164.707,0	178.986,4	8,7	845.714,2	810.785,0	(4,1)	1.010.421,2	989.771,4	(2,0)
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	14.216,3	10.645,4	(25,1)	97.492,0	85.488,5	(12,3)	111.708,3	96.133,9	(13,9)
ES	64.835,0	59.051,0	(8,9)	513.053,0	535.198,0	4,3	577.888,0	594.249,0	2,8
RJ	2.142,5	758,5	(64,6)	41.963,9	43.408,8	3,4	44.106,4	44.167,3	0,1
SP	41.611,1	41.296,1	(0,8)	642.012,8	644.480,0	0,4	683.623,9	685.776,1	0,3
SUL	12.600,0	13.900,0	10,3	145.900,0	131.900,0	(9,6)	158.500,0	145.800,0	(8,0)
PR	12.600,0	13.900,0	10,3	145.900,0	131.900,0	(9,6)	158.500,0	145.800,0	(8,0)
OUTROS	1.195,8	1.008,9	(15,6)	17.508,2	18.979,4	8,4	18.704,0	19.988,3	6,9
NORTE/NORDESTE	42.168,0	23.206,0	(45,0)	334.148,0	336.123,0	0,6	376.316,0	359.329,0	(4,5)
CENTRO-SUL	1.036.720,7	870.063,7	(16,1)	4.392.937,8	4.531.782,7	3,2	5.429.658,5	5.401.846,4	(0,5)
BRASIL	1.080.084,5	894.278,6	(17,2)	4.744.594,0	4.886.885,1	3,0	5.824.678,5	5.781.163,7	(0,7)

Legenda: (*) Acre, Ceará, Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.

Tabela 3 - Café conilon - Comparativo de parque cafeeiro em formação, em produção e total

REGIÃO/UF	PARQUE CAFEIEIRO								
	EM FORMAÇÃO (mil covas)			EM PRODUÇÃO (mil covas)			TOTAL (mil covas)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
NORTE	20.548,1	25.351,5	23,4	148.117,8	166.906,4	12,7	168.665,9	192.257,9	14,0
RO	20.185,0	25.233,0	25,0	146.037,0	165.011,0	13,0	166.222,0	190.244,0	14,5
AM	118,5	118,5	-	839,3	839,3	-	957,8	957,8	-
PA	244,6	-	(100,0)	1.241,5	1.056,1	(14,9)	1.486,1	1.056,1	(28,9)
NORDESTE	7.828,0	8.759,0	11,9	155.744,0	157.062,0	0,8	163.572,0	165.821,0	1,4
BA	7.828,0	8.759,0	11,9	155.744,0	157.062,0	0,8	163.572,0	165.821,0	1,4
Atlântico	7.828,0	8.759,0	11,9	155.744,0	157.062,0	0,8	163.572,0	165.821,0	1,4
CENTRO-OESTE	7.005,9	5.415,3	(22,7)	14.752,9	15.550,0	5,4	21.758,8	20.965,3	(3,6)
MT	7.005,9	5.415,3	(22,7)	14.752,9	15.550,0	5,4	21.758,8	20.965,3	(3,6)
SUDESTE	91.310,5	74.634,4	(18,3)	565.307,1	556.744,5	(1,5)	656.617,6	631.378,9	(3,8)
MG	2.257,5	2.291,4	1,5	39.033,1	39.618,5	1,5	41.290,6	41.909,9	1,5
Zona da Mata, Rio Doce e Central	1.467,4	1.489,4	1,5	25.371,5	25.752,0	1,5	26.838,9	27.241,4	1,5
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	790,1	802,0	1,5	13.661,6	13.866,5	1,5	14.451,7	14.668,5	1,5
ES	89.053,0	72.343,0	(18,8)	526.274,0	517.126,0	(1,7)	615.327,0	589.469,0	(4,2)
OUTROS	-	-	-	2.782,9	2.854,9	2,6	2.782,9	2.854,9	2,6
NORTE/NORDESTE	28.376,1	34.110,5	20,2	303.861,8	323.968,4	6,6	332.237,9	358.078,9	7,8
CENTRO-SUL	98.316,4	80.049,7	(18,6)	580.060,0	572.294,5	(1,3)	678.376,4	652.344,2	(3,8)
BRASIL	126.692,5	114.160,2	(9,9)	886.704,7	899.117,8	1,4	1.013.397,2	1.013.278,0	-

Legenda: (*) Acre e Ceará.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2017.





12. CALENDÁRIO DE COLHEITA

A colheita de café segue um calendário bem definido que geralmente se inicia no em março e termina em outubro, fato que ocorreu nas últimas safras, sendo que na safra 2018 a estimativa é que ocorra o mesmo padrão. A concentração da colheita ocorre geralmente entre maio e agosto onde cerca de 90% do café é colhido. O ideal é evitar colheita tardia de forma a não prejudicar a florada da próxima safra.

Tabela 16 – Estimativa mensal de colheita de café total (arábica e conilon)

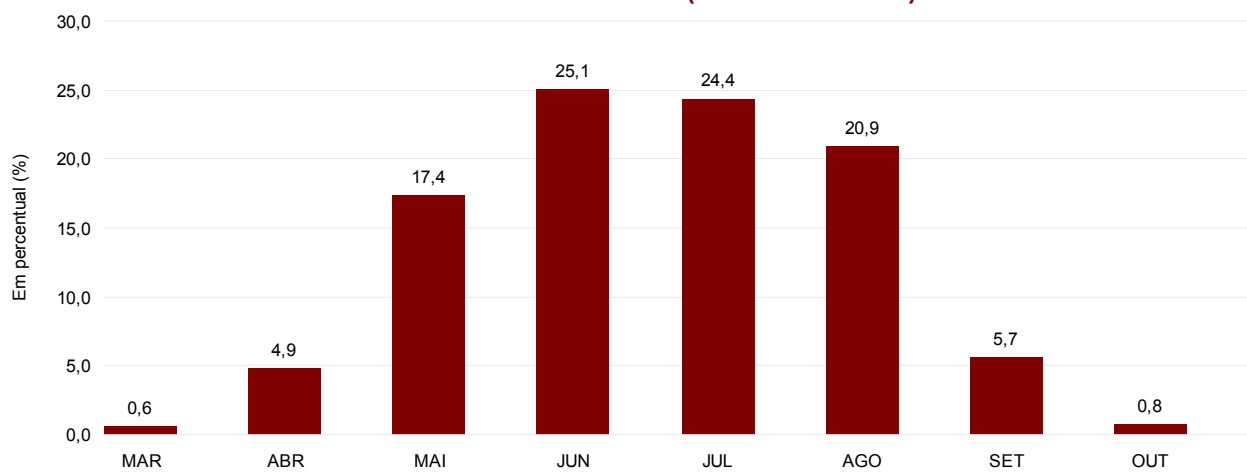
U.F	PROD.	MARÇO		ABRIL		MAIO		JUNHO		JULHO		AGOSTO		SETEMBRO		OUTUBRO		NOVEMBRO		DEZEMBRO	
		%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd
NORTE	2.349,4	9,9	233,6	30,0	704,0	35,0	822,0	20,1	471,2	5,0	118,5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
RO	2.335,7	10,0	233,6	30,0	700,7	35,0	817,5	20,0	467,1	5,0	116,8	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
AM	7,0	-	-	25,0	1,8	25,0	1,8	25,0	1,8	25,0	1,8	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
PA	6,7	-	-	23,0	1,5	42,0	2,8	35,0	2,3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
NORDESTE	4.126,0	2,8	117,4	13,2	545,0	31,7	1.308,5	20,6	850,2	17,4	718,4	11,1	458,7	2,5	102,3	0,6	25,6	-	-	-	-
BA	4.126,0	2,8	117,4	13,2	545,0	31,7	1.308,5	20,6	850,2	17,4	718,4	11,1	458,7	2,5	102,3	0,6	25,6	-	-	-	-
Cerrado	500,0	-	-	10,0	50,0	30,0	150,0	25,0	125,0	20,0	100,0	15,0	75,0	-	-	-	-	-	-	-	-
Planalto	1.279,0	-	-	2,0	25,6	8,0	102,3	20,0	255,8	30,0	383,7	30,0	383,7	8,0	102,3	2,0	25,6	-	-	-	-
Atlântico	2.347,0	5,0	117,4	20,0	469,4	45,0	1.056,2	20,0	469,4	10,0	234,7	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
CENTRO-OESTE	250,9	2,8	7,1	13,5	33,9	21,9	55,0	24,6	61,8	25,2	63,1	11,9	29,9	-	-	-	-	-	-	-	-
MT	101,2	7,0	7,1	33,5	33,9	39,6	40,1	16,7	16,9	3,2	3,2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
GO	149,7	-	-	-	-	10,0	15,0	30,0	44,9	40,0	59,9	20,0	29,9	-	-	-	-	-	-	-	-
SUDESTE	48.686,2	-	-	3,0	1.460,5	15,5	7.551,8	25,7	12.506,0	25,8	12.554,8	22,8	11.086,6	6,1	2.991,3	0,8	398,3	0,5	194,4	0,3	106,0
MG	29.863,2	-	-	1,0	298,6	8,0	2.389,1	22,0	6.569,9	30,0	8.959,0	30,0	8.959,0	8,0	2.389,1	1,0	298,6	-	-	-	-
ES	12.455,0	-	-	7,4	921,7	29,4	3.661,8	34,4	4.284,5	15,6	1.943,0	8,7	1.083,6	2,6	323,8	0,8	99,6	2,2	194,4	1,2	106,0
RJ	364,3	-	-	-	-	-	-	8,4	30,6	41,7	151,9	39,4	143,5	10,5	38,3	-	-	-	-	-	-
SP	6.003,7	-	-	4,0	240,1	25,0	1.500,9	27,0	1.621,0	25,0	1.500,9	15,0	900,6	4,0	240,1	-	-	-	-	-	-
SUL	960,0	-	-	-	-	6,0	57,6	26,0	249,6	31,0	297,6	26,0	249,6	11,0	105,6	-	-	-	-	-	-
PR	960,0	-	-	-	-	6,0	57,6	26,0	249,6	31,0	297,6	26,0	249,6	11,0	105,6	-	-	-	-	-	-
OUTROS	104,0	-	-	10,0	10,4	20,0	20,8	30,0	31,2	30,0	31,2	5,0	5,2	5,0	5,2	-	-	-	-	-	-
NORTE/NORDESTE	6.475,4	5,4	350,9	19,3	1.249,0	32,9	2.130,5	20,4	1.321,4	12,9	836,9	7,1	458,7	1,6	102,3	0,4	25,6	-	-	-	-
CENTRO-SUL	49.897,1	0,0	7,1	3,0	1.494,3	15,4	7.664,4	25,7	12.817,4	25,9	12.915,5	22,8	11.366,2	6,2	3.096,9	0,8	398,3	0,5	194,4	0,3	106,0
BRASIL	56.476,4	0,6	358,0	4,9	2.753,7	17,4	9.815,7	25,1	14.170,1	24,4	13.783,6	20,9	11.830,1	5,7	3.204,4	0,8	423,9	0,4	194,4	0,2	106,0

Legenda: * Acre, Ceará, Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2018.

Gráfico 1 – Estimativa mensal de colheita de café total (arábica e conilon)



Fonte: Conab.







Distribuição:
Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)
Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)
Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)
SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF
(61) 3312-6277/6264/6230
<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br

9



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO

